

blimunda todos os escritores
são autodidatas
vozes
makerspaces
feira da qu

3— **Editorial**
Ensaio sobre o não

5— **Leituras**
Sara Figueiredo Costa

12— **Estante**
Sara Figueiredo Costa
Andreia Brites

17— **Feira da Luz**

36— **Vozes**
Joana Simões Piedade

54— **A Casa da Andréa**
Andréa Zamorano

61— **Makerspaces
e Bibliotecas**
Andreia Brites

74— **And The winner Is...**
Andreia Brites

75— **Espelho Meu**
Andreia Brites

78— **Saramaguiana**
**Todos os escritores
são autodidatas**
José Saramago

92— **Agenda**

Em 1979, a Companhia de Teatro de Almada levou ao palco *A Noite*, primeira obra teatral escrita por José Saramago. No ano seguinte encenaram *Que farei com este livro?* Esses dois primeiros trabalhos do escritor como dramaturgo só existiram porque Luzia Maria Martins e Joaquim Benite, apostaram no, então desconhecido, autor e lhe lançaram o desafio.

No ano passado a companhia teatral procurou a Fundação José Saramago para demonstrar interesse em voltar a trabalhar com as palavras do Prémio Nobel de Literatura. A ideia era adaptar para os palcos uma história que tem como tema central a importância da palavra não. Romance

com diversas camadas de leitura, *História do Cerco de Lisboa* nasce do momento em que um revisor literário, «figura conservadora por excelência», decide acrescentar ao texto um não que leva os cruzados a não apoiar as tropas do rei português

Dom Afonso Henriques na conquista de Lisboa. Desse episódio surgem as teias narrativas que conduzem ao nascimento de um novo romancista, o mesmo revisor, exortado por Maria Sara, directora literária dessa editora, a escrever a sua própria *História do Cerco de Lisboa*. «O não é o que põe em causa, rejeita, questiona», disse certa vez José Saramago.

À difícil tarefa de adaptar um romance com estas características, o trabalho de dramaturgia de José Gabriel Antuñano em diálogo com a encenação de Ignacio Garcia deu a melhor res-

posta, mantendo as várias camadas do texto de José Saramago, ele próprio feito personagem da peça, deixando ao espectador muitas das suas ideias sobre a criação literária e sobre a sua visão do mundo.

Construído em torno de um elemento único e central, uma espécie de biblioteca, com degraus que albergam livros, a cenografia, de autoria de José Manuel Castanheira, resultou no aliado perfeito para os vários momentos do espectáculo, ponto de partida para outros espaços ocupados pelo elenco de dez actores que assumem diferentes papéis, diferentes roupagens,

fazendo comunicar o presente criado por Saramago no seu romance de 1989 com o passado, questionado e questionador, da Lisboa de 1147.

A adaptação de *História do Cerco de Lisboa* é um trabalho colectivo que envolve, além da Companhia de Teatro de Almada, a Acta – A Compa-

nhia de Teatro do Algarve, a Companhia de Teatro de Braga e o Teatro dos Aloés. Após estrear em julho no âmbito da 34.ª edição do Festival de Teatro de Almada, nos próximos meses a peça fará o seu percurso pelas casas das quatro companhias que nela trabalharam levando as palavras de José Saramago, que afirmava «[...] vivo desassossegado, escrevo para desassossegá-lo.» Deixemo-nos, com este espectáculo, desassossegados e saibamos questionar a história que nos é dada como verdade absoluta.

Ensaio sobre o não

Blimunda 64
setembro 2017

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

Rita Pais

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago
www.josesaramago.org

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoes, 10
1100-135 Lisboa – Portugal

blimunda@josesaramago.org

www.josesaramago.org

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados
são da responsabilidade
dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação
podem ser reproduzidos
ao abrigo da Licença
Creative Commons



Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoes, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

www.josesaramago.org

info.pt@josesaramago.org

COMO CHEGAR GETTING HERE

Metro Subway Terreiro do Paço

(Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735,

746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

Segunda a Sábado Monday to Saturday

10 às 18h 10 am to 6 pm

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS

ANDRÉ CARRILHO

CENSURA NO MUSEU

Uma exposição intitulada «Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira», com curadoria de Gaudêncio Fidélis, abriu portas em meados de agosto, em Porto Alegre (Brasil), no espaço Santander Cultural. A mostra estava programada para durar até ao dia 8 de outubro, mas no início de setembro, depois de queixas de alguns visitantes e de muitos opinadores nas redes sociais, a exposição que reunia 270 obras que mostravam a diversidade de géneros e sexualidades foi encerrada pelo Santander, sem que o seu curador fosse ouvido sobre o assunto. As acusações de quem exigiu o encerramento da exposição incluíram “indecência”, “incentivo à pedofilia” e “blasfémia”. Na *Folha de São Paulo*, o jornalista Lira Neto assina um texto sobre o clima de censura associado a este gesto do Santander Cultural: «Não houve incitação à pedofilia, incentivo à zoofilia. O que houve foi histeria, alimentada por doses inacreditáveis de preconceito, desinformação, moralismo, ignorância e má-fé.

O que houve, também, foi a mais nítida demonstração de pusilanimidade por parte do Santander Cultural, que se rendeu ao barulho e aos faniquitos da turba e, por meio de nota xucra, endossou o atestado de retrocesso coletivo. O cancelamento da exposição «Queermuseu», em Porto Alegre, passará à história como mais um episódio a confirmar o atual cenário de obscurantismo no país. O Santander, que dizia apoiar a diversidade, dobrou-se à intolerância. O marketing pretensamente arejado não resistiu à tática do grito. Eram obras em geral já conhecidas, algumas delas circulando em galerias e museus há dezenas de anos, incluindo trabalhos de Volpi, Portinari, Leonilson, Flávio de Carvalho e Lygia Clark. Postas em conjunto pela curadoria para ilustrar a presença da diversidade sexual nas artes nacionais, foram tratadas como objeto de escarcéu. Difícil apontar o mais constrangedor em toda a celeuma: ativistas jovens escandalizados diante de imagens sexuais, a mais tosca carolice manobrando o instinto de manada que tomou conta das redes ou um



centro cultural emitir nota ao público argumentando que a arte "perde seu propósito" quando não gera "reflexão positiva".»



MULHERES NA CIÊNCIA

O *Babelia*, suplemento cultural do *El País*, dedicou o tema de capa de uma das suas últimas edições às mulheres e à ciência, destacando, num artigo de Tereixa Constenla, os percursos biográficos de várias cientistas sobre as quais pouco se fala. «La clave que convierte en historias épicas las trayectorias de las mujeres que dieron a la ciencia más de lo que la ciencia les reconoce reside en un heroico afán de superación. En una inteligencia portentosa protegida por una coraza de galápago para sobreponerse a los abusos, las burlas, la explotación salarial o la apropiación indebida de sus ideas. Contra la visión de que la ciencia era un reducto de hombres, emergen cada vez más biografías y películas de esas aventureras del conocimiento (desde 2009:

Agora, El viaje de Jane, Temple Grandin, Figuras ocultas o Marie Curie). Pocas, sí. Pero tan silenciadas que no existían hasta que en las últimas décadas, acompañando a la irrupción masiva de mujeres en el laboratorio y al impulso de los estudios de género, aflora una relectura que pone algunas cosas (y personas) en su sitio: desde la paleontóloga Mary Anning (1799-1847), que renovó el conocimiento de la prehistoria con sus descubrimientos de fósiles de dinosaurios (y silenciada por ser mujer, pobre y no anglicana, en el orden que quieran), hasta la matemática Ada Lovelace (1815-1852), considerada precursora de la programación informática.» Apesar do reconhecimento que aos poucos parece estar a ser feito, a relevância destas mulheres para o progresso da ciência continua a ser analisada por muitos à luz da quantidade de prémios, nomeadamente os Nobel, que lhes foram atribuídos. Sobre isso, diz o artigo: «Claro que si el Nobel es la cúspide para medir la excelencia, solo 48 mujeres han tocado el cielo. Un raquítico 5% de los 881

premiados (excluidos organismos) desde que se entregan en 1901. Tampoco las estadísticas domésticas invitan al jolgorio: los principales premios científicos concedidos hasta 2015 en España (Princesa de Asturias, Nacionales, Jaime I y Frontera-BBVA) han ido a manos de hombres en el 89% de las ocasiones, según datos de la Asociación de Mujeres Investigadoras y Tecnólogas (AMIT).

Los honores no resisten una revisión crítica de su historia. La trastienda del Nobel está repleta de pelusa sexista.»



DESCOBRIR A POESIA DE HILDA MACHADO

Hilda Machado (1952-2007) fez o seu percurso na cultura brasileira a partir das áreas do cinema e da imagem, mas deixou vários poemas escritos que não chegaram a ser publicados em livro durante a sua vida. Alguns mostraram-se em revistas de pequena tiragem e muitos outros continuam por publicar, algo que

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA

será corrigido brevemente com um volume intitulado *Nuvem*, com chancela da Editora 34. Sobre a autora e sobre a tarefa de editar a sua poesia depois da morte, Ricardo Domeneck escreve na última edição do *Pernambuco*, dando igualmente a ler um poema inédito de Hilda Machado. «Em seu romance *Os detetives selvagens* (1998), Roberto Bolaño leva suas personagens Arturo Belano e Ulises Lima ao deserto de Sonora, no México, em busca de uma poeta, Cesárea Tinajero, de quem conheciam um único poema. Mas aquele poema bastava. Era um bote salva-vidas. Pois eu digo a vocês que, para mim, a carioca Hilda Machado, mulher de carne e osso, verídica e verdadeira, também foi por anos uma espécie de Cesárea Tinajero. Tudo começou em 2004, em um número da revista *Inimigo Rumor*, editada por Carlito Azevedo, no qual li um poema dessa autora que desconhecia por completo, esta obscura. O poema intitulava-se Miscasting. A palavra é inglesa: mis-cast. 1. To cast in an unsuitable role. 2. To cast

(a role, play, or film) inappropriately. Ou seja: quando ator e papel não combinam. Quando o ator não está preparado ou não é ideal para aquele papel. Não fomos todos miscast em nossos próprios papéis, aqui nessa novela interminável nossa?» Mais adiante: «É a primeira vez que me vejo editando o trabalho de um autor que já nos deixou. Como respeitar sua vontade? Como saber o que publicaria? Estamos seguindo as pistas da própria autora ao registrar este manuscrito, *Nuven*, na Biblioteca Nacional em 1997, 10 anos antes de sua morte, 20 anos antes desta publicação. Com título, epígrafe, índice e contendo todos os poemas conhecidos, parece claro que a autora o via como livro pronto. Em um dos poemas inéditos, intitulado justamente «Poeta», Hilda Machado fala mais uma vez com sarcasmo violento sobre a possível recepção de seus poemas, mencionando outras três autoras mais velhas e conhecidas que ela: Adélia Prado, Hilda Hilst e Orides Fontela. Ela as trata com luva de pelica. Mas não é contra elas que



escreve, e, sim, contra a receção de uma certa crítica machista da poesia brasileira, sempre pronta a comparar mulheres com mulheres, criando guetos e tentando manter assim seu Olimpo masculino intacto. Ela chicoteia: “Vai que algum amigo leia os versos poucos / e deles só prestam mesmo uns quatro ou cinco / e diga / parece Adélia / diluidora vagabunda me mato / e a revolta? / afinal não é tudo que parece Adélia / da outra, a Hilst, nem é bom falar / ou Orides / praga / que a minha inveja é só de mulher e absinto / pra eu beber em cálice / homem pra mim é sempre muso / o pterodáctilo me agarra pelo pescoço e lá vou eu”.»



AJUDAR UM LIVRO A NASCER

A revista colombiana *El Malpensante* prepara-se para celebrar duas décadas de atividade editorial com um livro que reúne 500 ilustrações, seleccionadas de entre as muitas mais que foram compondo as suas

páginas ao longo destes vinte anos. Para tal, abriu um período de subscrições prévias desse objeto editorial que promete ser um marco para quem reconhece o papel da ilustração na imprensa. No site da revista, o projeto apresenta-se assim:

«*El Malpensante* entra por los ojos, por ello la ilustración es una de las marcas de estilo de esta revista literaria. A lo largo de 184 ediciones han pasado por nuestras páginas tanto los ilustradores más destacados del mundo como prometedores dibujantes que han crecido junto a nosotros.

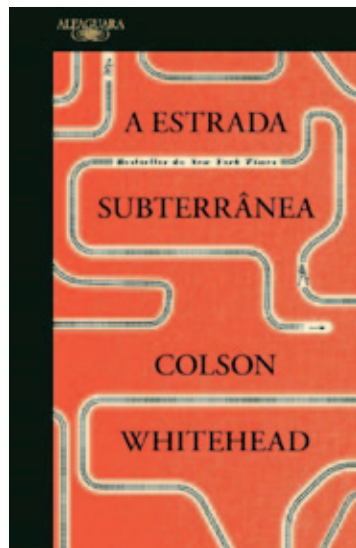
Firmas internacionales como las de Eva Vázquez, Marcos Guardiola, Fernando Vicente, Yuko Shimizu, Paul Blow y Álvaro Tapia Hidalgo suelen encontrarse en una misma edición con figuras colombianas como Santiago Guevara, Elizabeth Builes, Diego Patiño, Rodez, Lorena Correa o Juan Gaviria.

Estos encuentros resultan en diversidad de estilos, técnicas y miradas que enriquecen la experiencia de leer cada edición de *El Malpensante*. Por eso, para celebrar

nuestros 20 años, publicaremos un libro que recopile trabajos destacados entre las piezas de más de 500 ilustradores que han aparecido hasta ahora en nuestras páginas. Para hacer realidad este libro necesitamos el aporte de todos ustedes: tanto de nuestros amigos ilustradores, como de todos los lectores y seguidores de la revista que disfrutan mes a mes del escenario gráfico que preparamos cuidadosamente.» Mais informações sobre o livro e o modo de o adquirir podem ser consultadas na página da revista.



A Estrada Subterrânea
Colson Whitehead
Alfaguara
Tradução de Paulo Ramos



A história da escravidão, independentemente da época e da geografia, conta-se quase sempre de modo coletivo, como se todos os escravizados fossem uma só entidade, retirando-lhes novamente a individualidade que lhes foi negada por quem os escravizou. *A Estrada Subterrânea* contraria esse modo de narrar, deslocando-o para a ficção e puxando para a primeira linha de ação algumas histórias individuais – ficcionais, mas ainda assim suficientemente verosímeis para nelas encontrarmos os ecos de uma história infame e nunca suficientemente lembrada.

Vencedor de vários prêmios, entre eles o Pulitzer e o National Book Award, o romance de Colson Whitehead centra a sua ação nos Estados Unidos da América, numa época em que os abolicionistas já alcançaram algumas vitórias, acabando com a escravidão em certos estados do Norte, mas onde o imenso sul continua a ser palco de uma das mais hediondas práticas da

humanidade. *A Estrada Subterrânea* abre com uma sequência centrada na plantação de algodão onde vive Cora, uma rapariga que não conhece outro modo de vida para além deste, e onde já antes haviam vivido a sua mãe e a sua avó. A descrição do espaço é eloquente quanto ao modo de produção, intenso e apenas possível graças à imensa mão de obra escravizada, e também quanto ao grau de crueldade praticado pelos donos da plantação e respetivos capatazes. Cora é a rapariga no centro da narrativa, a mesma que herdou da avó uma resiliência lendária e que soube da fuga da mãe sem nunca ter compreendido por que motivo foi deixada para trás. Depois de uma proposta de Caesar, seu companheiro de infortúnio, Cora embarcará igualmente no risco da fuga, traçando um percurso acidentado que serve de gatilho a um *road novel* capaz de abalar certas ideias benevolentes sobre os alicerces sociais e económicos dos Estados Unidos da Amé-

LEITURAS DO MÊS

SARA FIGUEIREDO COSTA



rica, mesmo que mantendo a esperança ao alcance da mão, sobretudo nos gestos mais discretos e capazes de irem minando os dias à superfície.

Numa das muitas referências à Declaração de Independência, diz o narrador: «Apesar de não compreender a maior parte das palavras, sentia que aquela história de terem sido todos criados iguais não lhe dizia respeito. Os brancos que a escreveram também não a compreendiam, porque, afinal, a verdade é que todos os homens não significava os homens todos.» (pg.147) À medida que vê confirmada esta constatação, Cora avança no terreno americano, um imenso país por onde os negros não podem circular livremente e onde muitas mãos, de todos os tons de pele, construíram percursos alternativos, subterrâneos, longe dos olhos de capazes, donos de plantações, políticos caçadores de escravos. Conferindo a estes percursos uma aura de fantasia capaz

de equilibrar as descrições mais brutais, Colson Whitehead não cede ao panfleto nem à parábola, construindo uma narrativa monumental sobre o modo como as histórias individuais podem ser parte da História, sem com isso perderem a força da sua própria matéria – fugaz, incompleta e ainda assim capaz de alguma esperança entre os escombros da barbárie.



Peter, um escravo de Baton Rouge, Louisiana, em 1863. As cicatrizes são resultado das chibatadas do seu capataz.

Meados do século XX: surgem Brasília, o Neoconcretismo, João Cabral. Mas também brota um sertão verdejante, um “monstro” potente, espécie de esfinge – Grande sertão: veredas

SILVIANO SANTIAGO, um dos críticos literários mais originais do Brasil, analisa a obra maior de Guimarães Rosa em seu mais novo livro, **GENEALOGIA DA FEROCIDADE**. Ele observa como as tentativas de domar *Grande sertão: veredas* sempre ignoraram sua complexidade, indócil a definições fixas por ter uma linguagem porosa e potente.

À venda no site da Cepe Editora
www.cepe.com.br



SARA FIGUEIREDO COSTA

ANDREIA BRITES



Otra economía es posible

Manuel Castells
Alianza Editorial

O ensaísta Manuel Castells regressa aos livros com um olhar sobre algumas experiências de organização social, política e económica que nasceram na sequência da crise financeira de 2008. Se os governos dos diferentes países envolvidos tentaram recuperar da crise voltando aos modos de organização da coisa pública anteriores a 2008, muitos cidadãos procuraram outras soluções, a uma escala local, sim, mas com potencial para se aplicarem a contextos mais amplos. SFC



O Anjo Pornográfico

Ruy Castro
Tinta da China

Prosseguindo a publicação das obras completas de Nelson Rodrigues, a Tinta da China publica agora a mítica biografia deste autor, escrita por um dos mais reconhecidos biógrafos da cultura brasileira. Partindo de entrevistas realizadas a mais de 120 pessoas que conheceram o escritor, bem como da consulta de arquivos diversos e da obra publicada, Ruy Castro narra a vida e as obsessões de Nelson Rodrigues, iluminando substancialmente uma das figuras maiores da cultura do Brasil do século XX. SFC



Um útero é do tamanho de um punho

Angélica Freitas
Companhia das Letras

Originalmente publicado em 2012, pela Cosac Naify, o livro de Angélica Freitas que agora regressa às livrarias foi um marco fundamental na poesia brasileira contemporânea, declinando muitos modos de olhar para o gênero feminino que não eram habituais no espaço literário do Brasil. Um poema: «uma mulher insanamente bonita/ um dia vai ganhar um automóvel/ com certeza vai/ ganhar um automóvel// e muitas flores/ quantas forem necessárias/ mais que as feias, as doentes/ e as secretárias juntas// já uma mulher estranhamente bonita/ pode ganhar flores/ e também pode ganhar um automóvel// mas um dia vai/ com certeza vai/ precisar vendê-lo» SFC



Escutai as Nossas Derrotas

Laurent Gaudé
Sextante

O mais recente romance de Laurent Gaudé chega agora à tradução portuguesa, refletindo sobre a ideia (e os gestos) de conquista ao longo da história da humanidade e o modo como o passado dessa ideia continua a reverberar no nosso presente comum. Como protagonistas, um agente dos serviços secretos franceses, responsável por encontrar um suspeito de tráfico em Beirute, e uma arqueóloga iraniana, dedicada a tentar salvar os tesouros históricos das cidades bombardeadas pela guerra. SFC



Os Corpos

Rodrigo Magalhães
Quetzal

Depois de *Cinerama Peruana*, Rodrigo Magalhães regressa à publicação com um romance inspirado na história do corpo encontrado na praia de Somerton, na Austrália, em 1948, cuja identidade nunca foi descoberta. Protagonistas, testemunhas e figuras secundárias vão desfiando o seu modo de olhar para este acontecimento, criando uma narrativa cuja unidade depende dos múltiplos fios que a compõem. SFC



A casa da janela azul

António Mota
Sebastião Peixoto

Regresso dos dois irmãos coelhos, desta vez em busca de comida depois de um nevão que os impossibilitou de sair da toca. O motivo da desobediência e do risco que representa a autonomia leva novamente a dupla a uma aventura de exploração e surpresa. Este é aliás um tema caro ao autor, suportado por uma relação poética com o espaço natural que é muito mais do que apenas contexto. As ilustrações figurativas e os tons outonais reforçam a leitura sinestésica. AB



Agência de Pais

David Baddiel
Editorial Presença

Os desejos que os pais não realizam e a diferença em relação aos pares é apresentada e depois desconstruída pelo protagonista na semana que antecede o seu 10º aniversário. Por vezes de forma maniqueísta, a narrativa segue o programa estilístico de muitas obras juvenis: humor e velocidade. AB



Crac!

Carmen Chica, Martina Manyà
Orfeu Negro

Como reage um grupo de vizinhos quando o céu teima em ficar cinzento? Esta é a premissa para um pacto com a fantasia poética que oferece personagens inusitadas, problemas inesperados e soluções improváveis. Texto e ilustração fundem-se numa sintonia estética que vai do estilo sem contorno de formas coloridas ao final aberto que não abdica de desconcertar. Quando o leitor não souber definir humor, também o encontra aqui, subtil e obtuso. AB



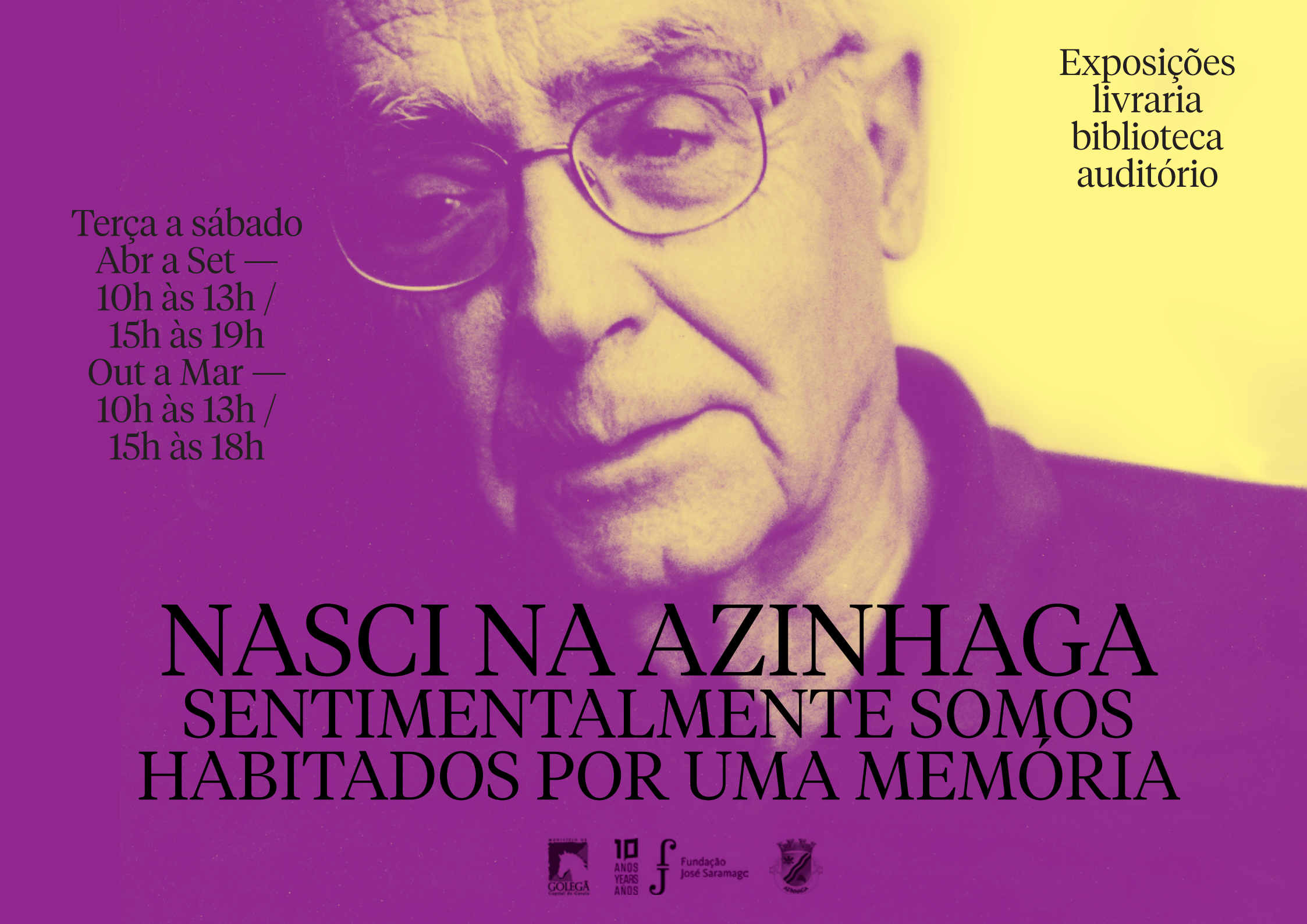
Casa
Fernando
Pessoa

Quarto · *Room*
Sala Multimédia · *Multimedia Room*
Biblioteca · *Library* · Livraria · *Bookshop*
Restaurante · *Restaurant*



CASAFERNANDOPESSOA.PT



A close-up, black and white portrait of José Saramago, an elderly man with glasses, looking slightly to the left. The image is the background for the entire poster.

Exposições
livraria
biblioteca
auditório

Terça a sábado
Abr a Set —
10h às 13h /
15h às 19h
Out a Mar —
10h às 13h /
15h às 18h

NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



Fundação
José Saramago





**Sara
Figueiredo
Costa**

uma feira no coração da cidade

É uma das mais antigas feiras portuguesas e continua a cumprir a sua existência anual nos últimos dias do verão. A Feira da Luz, em Benfica (Lisboa), nasceu com a romaria da Nossa Senhora da Luz, festividade religiosa associada ao santuário com o mesmo nome, que ainda hoje pode ser visitado em Benfica, na atual freguesia de Carnide. Como em todas as romarias, a devoção religiosa juntava largas centenas de pessoas, sobretudo nos dias festivos, o que fez crescer um pequeno espaço comercial de apoio aos devotos – medalhas religiosas, imagens de santos, rosários e, claro, comida e bebida. Foi assim no século XVI, como atesta a documentação que chegou aos nossos dias, mas é possível que a feira tenha começado antes, com os primeiros gestos de devoção perante a lenda do século XV, de um cativo que terá sido libertado por intervenção divina.

Pão fresquinho de Mirandela

Com a Lei de Descentralização de competências da Câmara Municipal, as Juntas de Freguesia passaram a gerir as feiras da cidade e foi assim que a Junta de Freguesia de Carnide se ocupou da dinamização de uma feira que começava a dar muitos sinais de decadência, com cada vez menos feirantes e muito pouca oferta cultural. O Presidente da Junta de Freguesia de Carnide, Fábio Sousa, explicou à *Blimunda* que a responsabilidade de organizar a Feira da Luz foi assumida de modo a transformar este espaço anual num lugar heterogéneo, onde muitas pessoas queiram voltar a estar: «A nossa abordagem é a de fazer uma feira para todos, familiar. Temos vindo a aumentar o número de feirantes, mas quando a recebemos da Câmara ela estava mais pequena e degradada. Temos vindo a recuperar isso, trabalhando com os feirantes. E posso dizer com agrado que há um conjunto de pessoas que, hoje, marcam as suas férias de acordo com o calendário da Feira, às vezes até

emigrantes, que aproveitam a última semana de agosto para virem a Portugal e estarem na Feira.»

Entre os feirantes, muitos vêm de longe. Tiago Fernandes traz de Mirandela os enchidos, o azeite e o pão que muitos visitantes procuram neste domingo em que visitamos a Feira da Luz. «É o terceiro ano que venho à Luz, com estas coisas feitas por vários produtores da região de Mirandela, e o negócio corre sempre bem. Ainda por cima, há aqui muita gente que é de Trás os Montes e já vem cá de propósito para levar uns enchidos, um pão... E o pão vem todos os dias de Mirandela, fresquinho, logo de manhã.» Mais adiante, Vítor Domingues veio da Marinha Grande para vender copos e outros utensílios de vidro gravados à vontade do freguês, tal como faz há vários anos. No ofício, tem meio século de prática e é presença habitual em feiras e romarias. «Isto é uma arte que não tem seguidores. Quando eu acabar com isto, já não se arranja igual.» Enquanto esse momento não chega, continua a transportar o seu negócio um pouco por todo o país, sem falhar a presença anual em Carnide.



ela "Mirandela,
Mirandela
a. Quem Miranda
ou, em Miranda
ou"

Alheiras Regionais
de Miranda

CADA
PEÇA
10€
ESCOLHA

PROMOÇÃO
(12) PRATOS
75 €

PROM
12 PR
7.5





SABAO MACACO NATURAL

FABRICADO EM PORTUGAL

919 073 778







Os tachos de barro saem pouco

Quem de Lisboa conhece apenas os bairros mais centrais poderá estranhar a presença de uma feira com estas características numa das suas artérias, mas a Feira da Luz é um dos exemplos de como a capital não é a cidade uniforme que as suas representações turísticas podem fazer crer. Uma herança a que poderíamos chamar rural – não deixando, com isto, de revelar o nosso preconceito de citadinos – persiste em alguns dos seus bairros, nomeadamente os mais afastados do centro histórico, e descendentes de muitas gerações de migrantes compõem parte significativa da sua população. A existência de uma feira como a da Luz confirma esta presença de ritmos, hábitos e tradições que não associamos imediatamente a uma urbanidade de largas avenidas e compras nas lojas da Baixa, mas Lisboa também é este outro espaço onde as compras para o inverno que se anuncia são feitas anualmente, num lugar onde diferentes vendedores oferecem produtos para todas as ne-

cessidades. É certo que a mudança nos hábitos de consumo deslocou muitas dessas compras para as grandes superfícies, e que já não se vende gado ou animais de criação nestes espaços da cidade, mas há hábitos que persistem, agora acompanhados de novas utilizações para velhos espaços. «Ainda há muita gente que vem comprar loiças, mas agora são mais os pratos de forno, as tigelas grandes de servir... Os tachos de barro já pouco saem, porque já quase ninguém cozinha neles.» Quem o diz é Isabel Ferreira, uma das sócias de um negócio familiar de olaria, na Ericeira, enquanto vai atendendo clientes que querem saber o preço das pequenas tigelas em terracota. Entre os muitos formatos de loiça de barro, apenas rematada com uma camada de verniz, que aqui se vendem, uma banca com bonecos do Presépio chama a atenção. São bonecos vindos de Barcelos, porque apesar de já poucos os fazerem mais a sul, a procura continua a existir em todo o país, sobretudo nas feiras que coincidem com os meses que antecipam o Natal.



Farturas à Scalabitano
PORRAS CHURROS
PROVE AS NOSSAS ESPECIALIDADES



Farturas à Scalabitano
PORRAS CHURROS



Tropical
Snack-bar

BEM VINDOS

Coca-Cola





S AMERICANAS FARTURAS * CHURROS * WAFLES FARTURAS ESPE



RODA GIGANTE
VOCÊ RODA E GANHA
SEMPRE PRÊMIO
DA MONTRA



FARTURAS: 1 und = 1€ / 6 und = 5€
CHURRITOS: 6 und = 4€ / 12 und = 5€
CHURROS: 1 und = 2,50€
WAFFLES: 1 und = 3€ / GRANTILY: 3,50€
AGUAS: 1 und = 1,50€ / SUMOS: 2,50€



Á OTARIO
WAFFERS



Música e teatro todos os dias

Um dos ingredientes que tem levado novos frequentadores à Feira da Luz é a programação musical. Bandas portuguesas habituais nas *playlists* das rádios asseguram a animação do palco central nas noites de fim de semana. Este ano, Amor Electro, The Black Mamba ou Tiago Bettencourt foram alguns dos cabeças de cartaz, mas a programação cultural é diária e inclui teatro, apresentações de livros, ranchos folclóricos e animação de rua. Para o Presidente da Junta, este é um dos aspetos importantes da Feira da Luz, que há muito deixou de ser apenas um espaço comercial. «Valorizamos muito a cultura e portanto fazia sentido que a Feira tivesse momentos culturais. E não apenas concertos, que são, muitas vezes, os momentos de maior visibilidade, mas também toda uma série de atividades que permitem que as pessoas vivenciem momentos culturais ricos, com exposições, oficinas variadas, ranchos folclóricos,

animação de rua, etc. Para além de termos muitas associações culturais na freguesia, também queremos que a Feira seja uma mostra do trabalho que é realizado ao longo do ano, e queremos trazer outras abordagens culturais que habitualmente não temos por cá. Portanto, sim, tentamos fazer um trabalho abrangente, que é mais apurado e significativo desde que passou para a Junta.» Na verdade, talvez a Feira da Luz nunca tenha sido apenas um espaço comercial. Foi como manifestação de religiosidade popular que a romaria da Senhora da Luz começou e essa vertente continua a ser essencial: «Obviamente que a feira é de apoio ao comércio local e onde temos vários momentos de fruição de cultura, mas há também uma componente religiosa muito significativa. A procissão de Nossa Senhora da Luz é uma das mais antigas da cidade e realiza-se no último domingo de setembro, coincidindo com o encerramento da Feira. Para além disso há outros momentos religiosos, que são muito significativos para esta comunida-

de, que se desenvolvem ao longo de todo o mês. Essa componente tem, ainda hoje, um peso muito grande naquilo que é a Feira da Luz.»

Cultura geral a 1 e 3 euros!

No domingo em que a *Blimunda* visitou a feira, o Santuário de Nossa Senhora da Luz estava de portas abertas, o silêncio do interior a conviver bem com a música dos carrosséis, os vendedores de balões e o cheiro a farturas logo ali ao lado. Cá fora, o número de visitantes foi crescendo ao longo da tarde. Numa banca vendem-se enchidos e queijos, na banca ao lado é uma pilha de livros a chamar a atenção, com a vendedora a apregoar «cultura geral a 1 e 3 euros!». Do outro lado do recinto, os elementos do rancho folclórico Neveiros do Coentral desfilam com os seus fatos tradicionais, encaminhando-se para o palco. A sopa da pedra continua a sair, acompanhada de bifanas e imperiais, no

restaurante encostado ao jardim. Se dúvidas houvesse sobre a relevância de uma feira como esta em plena Lisboa, a afluência do público domingueiro há muito que as dissipou.

Na fila para o autocarro – que demora muito mais do que seria aceitável numa carreira urbana, na Lisboa do século XXI – comparam-se compras. Conjuntos de pratos, copos e talheres confirmam que ainda há quem venha à feira comprar o que precisa para o ano. E depois há os brinquedos, os balões, as peças para o Presépio. E as farturas e churros, um manancial de colesterol que faria tremer qualquer cardiologista, mas sem os quais não há feira que se mostre digna desse nome. Em Carnide, Benfica, a Feira da Luz promete regressar para o ano, voltando a encher o largo com a certeza de que feiras e romarias não são anacronismos na cidade que se imagina grande.

FOTOGRAFIAS: JORGE SILVA

NO ANO EM QUE SE ASSINALA A PRIMEIRA DÉCADA DE VIDA DA FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO (FJS), A *BLIMUNDA* INAUGURA UM ESPAÇO DE RESPONSABILIDADE DE JOANA SIMÕES PIEDADE, JORNALISTA E VOLUNTÁRIA NUM CAMPO DE REFUGIADOS, SOBRE DIREITOS HUMANOS, UMA DAS ÁREAS DE TRABALHO QUE INTEGRAM A DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA FJS.



Vo ze s

**Joana
Simões
Piedade**

Local de passagem que passou a ser um lugar onde se fica, um campo de refugiados é uma «cidade» improvável, uma bolha artificial que contém quem lá vive e protege quem está fora. Um mundo debaixo de lonas. Mas que fervilha, respira a custo, cria relações, se organiza, se hierarquiza, se entreaajuda, transpira solidariedade mas também desalento. E, por vezes, morte. Estas são as vozes de algumas das pessoas que conheci no campo de refugiados de Souda, na ilha grega de Chios, no Inverno de 2017.

vozes — E. — — Nigéria —

Foi na fila para a distribuição da comida que vi a E., mulher esguia com uma barriga cheia e redonda. A minha função enquanto voluntária de uma ONG, na fila das mulheres, consistia em verificar quantas refeições estavam inscritas em cada cartão. Geralmente há cinco, quatro, seis, oito pessoas por cartão, as famílias tendem a ser grandes. Quando olhei para o cartão da E. estranhei ver apenas o número «1».

E. está sozinha e grávida de sete meses. Disse-me que se sentia fraca porque tinha ido fazer análises ao sangue. E que vinha da Nigéria. Mais tarde procurei-a no meio do cenário desolador das tendas do campo de Souda e quando a encontrei, convidou-me a entrar. Sentei-me ao seu lado, no pedaço de chão com um cobertor cinzento com o símbolo estampado do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados que lhe faz de cama. Fiquei a saber que chegou ao campo de Souda no dia 1 de Janeiro vinda da Turquia.

Recuámos à sua vida na cidade de Benin por onde os portugueses andaram no século XV no comércio de pimenta e marfim. Séculos depois, a sua mãe fazia do comércio um modo de vida e tinha uma loja onde,

~~E., Nigéria~~



durante a infância e adolescência, E. ajudava enquanto sonhava ser jogadora de futebol. «Gosto muito de futebol, jogava muito bem na escola mas os meus pais nunca acharam que fosse futuro».

E. cresceu e aos 24 anos o futuro não era promissor: na Nigéria, maior produtor de petróleo de África, não conseguia encontrar trabalho. Certo dia foi abordada no mercado por uma mulher que lhe disse ter uma loja de produtos africanos em Istambul, na Turquia. «Vem trabalhar comigo. A minha loja tem grande sucesso. Não te vais arrepender». E. voou de Lagos para Istambul. Depressa ficou a perceber que não havia loja alguma, havia antes um quarto onde era obrigada a prostituir-se. Recebia ameaças de morte, de clientes e da proxeneta, tiraram-lhe o passaporte, chorava e tinha dores diariamente. E. entrou numa rede de tráfico de seres humanos, a escravatura do século XXI. E. não diz isto assim, não diz que foi vítima involuntária de exploração sexual ou de prostituição forçada, porque estas são nomenclaturas para debater conceitos vagos de coisas a que os ricos chamam de «direitos humanos». E. fugiu dessa vida. No bairro conheceu um nigeriano que a apoiou numa altura de vulnerabilidade, ficou grávida. A fuga de Istambul foi feita num autocarro e, na costa, apanhou um barco com cerca de 45 pessoas para chegar até à ilha de Chios no Mar Egeu. Entre muitos refugiados e organizações no terreno, oiço frequentemente histórias de

mulheres migrantes que engravidam de propósito a pensar que assim não lhes será negada entrada na Europa. Penso como tantos e tantas têm em tão baixa consideração as mulheres e em tão elevada consideração a Europa.

E. não sabe onde vai nascer e viver o seu filho ou filha mas tem sonhos. Seja na Alemanha, onde diz ter uma irmã, cunhado e sobrinha ou noutro lugar onde «não se sinta um peso para terceiros». «Posso trabalhar em qualquer coisa. Se me ensinarem consigo fazer qualquer trabalho. Só quero cuidar do meu filho». E, talvez um dia, conhecer Paris. «Deve ser uma cidade linda, Paris».

Ainda nenhuma entidade oficial veio falar com E. sobre a sua situação ainda que, no dia em que escrevo este texto, uma representação da União Europeia tenha estado de visita ao campo por breves minutos.

Pergunto se posso ajudar em alguma coisa para lhe tornar a vida menos penosa e sugere vegetais que não chegam ao campo. Tem um livro de cabeceira que, neste caso, está debaixo da almofada. «É a Bíblia. Abro numa página ao acaso e fico a ler», contou-me. Talvez seja o passado distante que me une a E. que influencia a sua escolha de leitura. Em tempos a coroa portuguesa enviava missionários cristãos para a cidade de Benin e, até ao final do século XIX, muitos residentes da cidade nigeriana falavam mesmo um derivado do português. Quando já estava de saída da tenda pedi a E. para abrir a bíblia numa página ao acaso como costuma fazer e ler em voz alta. Acedeu ao meu pedido.

«Salmo 23. O Senhor é o meu pastor
e nada me faltará».

Yosra Síria

No jornalismo há algo a que se chama o critério de proximidade. É um critério utilizado na escolha de publicação de notícias. Que valor tem determinada notícia? Qual o interesse que determinada notícia poderá ter para o público? O critério da proximidade dá uma resposta possível e parte da premissa de que assuntos próximos ao leitor geram maior interesse do que factos acontecidos a quilómetros de distância. A prática confirma-se: para a imprensa ocidental 100 mortos em Beirute valem bem menos do que 10 mortos em Paris. E depois, além da geografia física há a geografia emocional e, aparentemente, «empatizamos» mais com uma realidade com a qual nos podemos identificar. E na Europa tem sido, convenhamos, difícil sentir empatia com os refugiados. O pensamento comum é de que são pessoas cuja realidade não é a mesma da nossa em termos de conforto, educação, condições económicas e sociais. Tendemos a pensar que fogem de vidas miseráveis e que, por isso, são mais fortes e resistentes nas condições cruéis de um campo sem água, luz e com senhas de refeição racionadas. Geralmente não pensamos nos refugiados como alguém que já teve um bom emprego, frequentou a universidade, levava os filhos à escola, tinha acesso a hospitais, frequentava

bares e restaurantes. Por isso gostava de vos contar como de todas as vezes que converso com Yosra me sinto a olhar ao espelho. Sinto que o critério da proximidade me toma de assalto. Eu podia ser esta mulher. Esta mulher podia ser qualquer uma de vocês que está a ler este texto.

«Ninguém na minha família alguma vez pensou que isto iria acontecer. Ninguém espera que uma tragédia destas aconteça na nossa vida». Yosra tem 30 anos. É licenciada em Engenharia Agrícola e tem uma especialização em Fruticultura. Vivia na cidade de Deir al-Zor nas margens do Rio Eufrates, uma das regiões agrícolas mais férteis da Síria além de rica em recursos subterrâneos como petróleo e gás. A cidade está hoje cercada pelo ISIS/Daesh. Os pais de Yosra, a avó de 90 anos e outros familiares ainda lá estão e conversam todos pelo whatsapp. Estão encurralados. Yosra fala árabe, inglês e alemão. Tinha tudo preparado para fazer um intercâmbio cultural numa universidade alemã para aperfeiçoar a língua quando a guerra começou. As relações entre a Síria e a Alemanha ficaram suspensas e o intercâmbio também. O marido é engenheiro mecânico. Tiveram, em tempo de guerra, duas filhas lindas de cabelos encaracolados, uma com ano e meio, outra com quatro anos. Vejo Yosra todos os dias desde que cheguei, chamou-me a atenção o vestido cor-de-rosa bonito e um sorriso aberto que nunca esmorece. Menos hoje. Hoje encontrei-a quando ia a caminho do contentor onde fica o posto médico. A filha mais nova teve febre durante a noite e muita tosse. O médico ainda não tinha chegado

~~Yorra, Síria~~



e ficámos a conversar enquanto esperávamos. Caía uma chuva miudinha. Talvez fosse da espera, talvez fosse da chuva, talvez fosse da preocupação com a filha, talvez fosse das minhas perguntas parvas – Como era a tua vida na Síria? O que fazias? Quais eram os teus sonhos? – mas as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto.

O médico chegou entretanto e eu fui para as minhas tarefas diárias, arrependida de ter obrigado alguém a pensar em lembranças tão penosas. Mais tarde, quando vou a sair do campo e a passar junto às tendas, Yosra vê-me e convida-me para um chá na sua tenda. A filha mais nova já está medicada e o sorriso de sempre voltou. Estava a dar banho às duas filhas num alguidar com água aquecida numa chaleira que ia colocando numa caneca. Durante o banho das meninas viajámos até ao bairro de Tadamon, em Damasco, onde a sua casa foi destruída por um bulldozer nas lutas para marcar terreno entre o exército sírio e os rebeldes. Contam como se mudaram para a sua cidade-natal, Deir al-Zor, onde é o ISIS quem controla. Yosra defende que a maioria desses combatentes que foram fazer a guerra do seu país não eram sequer sírios mas vindos de outros países para combater atrás de promessas de dinheiro e de mulheres que raptam e vendem. Yosra e família aguentaram o mais possível até que fugir parecia a opção para salvar as suas filhas. Partiram a pé pelas montanhas com as crianças ao colo, uma mochila com roupa e o telemóvel. Estão em Chios desde Novembro. Apesar de serem uma família, das crianças, de uma condição de saúde especial, não existe uma perspectiva

em relação a quando vão sair daqui. Têm uma entrevista em Março em Atenas mas não sabem quando deixarão a ilha no mar Egeu. «Todos os dias há uma nova legislação», desabafa.

Yosra tem medo de algo de que todos falam no campo. Do sinistro acordo firmado entre a União Europeia e a Turquia, que permite à Grécia enviar todas as pessoas recém-chegadas às ilhas de volta à Turquia, incluindo os sírios que estão a fugir da guerra no seu país. A medida também propõe um sistema em que um refugiado sírio será admitido na Europa por cada sírio que chegar à Grécia e for deportado para a Turquia. Em troca, a UE prometeu destinar 6 mil milhões de euros em ajuda humanitária para o país turco. O drama dos refugiados tornou-se um negócio abjecto. Os habitantes do campo de Souda são moeda de troca. Yosra e o marido têm muitos familiares espalhados pela Alemanha, na Saxónia, Bremen, Hannover. Podia ser uma hipótese para o recomeço da vida. Fala também da Grécia «onde a crise económica torna difícil a vida aos próprios gregos». O que fazer não sabe. «A Síria é o país mais bonito do mundo. Se a guerra acabasse hoje, amanhã voltava para lá», diz a rir. «Hoje o médico desejou que saíssemos daqui rápido. Disse que gostaria de me ver, em breve, num país da Europa, eu disse-lhe: 'não! eu gostava de o ver a si na Síria'». Yosra conta isto a sorrir. E é impossível não sorrir quando ela o faz.

Com o chá quente à nossa frente, com os relatos emotivos da sua terra natal, hesito mas decido procurar no telemóvel imagens da cidade que deixaram. Yosra vê a ponte-suspensa construída

pelos franceses nos anos 20 e, entretanto, destruída nos bombardeamentos. «Durante cinco anos atravessei-a todos os dias para ir para a universidade», relembra entusiasmada. A praça principal baptizada de 8 de Março onde foi derrubada a estátua de Basil al-Assad, irmão de Bashar, no início da revolta. O memorial que assinalava as «marchas da morte» do genocídio arménio e que foi destruído pelo ISIS. O Rio Eufrates e os campos verdejantes e férteis. Ao lado das imagens antigas estão fotografias de uma cidade feita escombros. «Olha como ficou a minha cidade...», aponta para as fotos. Detém-se numa em particular: uma rua só com lojas de perfumes onde costumava ir. O irmão de Yosra foi ao centro da cidade depois dos bombardeamentos, passeou naquela rua e contou-lhe sobre o cenário de destruição que encontrou: os estilhaços de vidros, os edifícios desventrados, os blocos de pedra partida, os pedaços de metal, a poeira, os despojos. E a envolver tudo isto o improvável, o surreal, o mesmo aroma intenso a perfume de sempre... Durante o chá que bebemos perguntei na tenda-contentor que lhes serve de casa o que podia fazer para a ajudar. Será que precisariam de algo. Agradeceu mas disse-me que não, de nada. Só há uma única coisa que Yosra e a família precisam muito: sair daqui, sair de Souda, sair de Chios. O mais rápido possível para que as suas vidas suspensas, aqui encurraladas, à espera de entrevistas com burocratas, possam seguir em frente. Yosra em árabe significa que depois da tempestade virá a bonança. E nada disto pode ser em vão.

~~Zico~~ ~~R.D. Congo~~

«Não tem maka», disse-me Zico, 25 anos, quando pedi para o entrevistar. Não tem maka. Fui reencontrar a expressão angolana no campo de Souda. Quais as probabilidades de isto acontecer? Todas. Chios é uma Torre de Babel onde se falam todas as línguas. E foi sem maka, ou seja, sem qualquer problema, que fiquei a saber que Zico nasceu em Kinshasa, na República Democrática do Congo.

O que faz Zico aqui se vem de um país rico? Sim, rico. A República Democrática do Congo é rica em minérios e tem 80% das reservas mundiais de coltan, mistura de dois minerais cobiçada pelas grandes multinacionais para construir mísseis, telemóveis, computadores. Por outro lado, a RDC é também um país onde as tensões políticas têm sido intensificadas. Líderes políticos, religiosos, activistas, estudantes levantaram-se contra o facto do presidente Joseph Kabila querer manter-se no poder, desafiando a limitação constitucional. A RDC tem ainda um dos menores índices de democracia do mundo e um dos mais elevados de corrupção. Na RDC a oposição e a violência estão na rua. O país de Zico vive um caos mas muitos lucram com este caos. Zico não é um deles. Viver na RDC não é fácil para um jovem. Ainda tentou fazer o curso de estudos de comércio mas não tinha dinheiro para continuar. «Jovem não pode ficar parado, tem de trabalhar, se

~~Zico, R. D. Congo~~



fica parado a «panela entra em greve», diz, recorrendo de novo à gíria angolana. E, assim, teve de esquecer o sonho de aprender a teoria para se contentar com a dureza da prática. Foi na cidade fronteiriça do Luvo, em Angola, que encontrou uma forma de ganhar a vida. Desde 1986 que este mercado transfronteiriço foi orientado para as transacções comerciais à base de permutas. Uma embalagem de leite Nido em troca de uma grade de cerveja. Cremes de beleza do Congo «para as mulheres ficarem mulatas» pelos jeans de Angola. Foi assim que ao francês e lingala que fala teve de juntar o português.

«A língua portuguesa é muito bonita, gosto muito de falar português, mas o português que eu falo não é da escola, é da rua...Aprendi para vender mais cremes». Pergunto-lhe como fazia e, de repente, fecho os olhos e não estou em Souda mas num mercado de rua em Angola: «Moça, menina, 'faz favore', 'qués quê?', 'você é muita linda', e elas respondiam: 'não me chama assim não sou tua mulher!' e eu dizia 'como é? Tou só a ser ser carinhoso' e elas diziam: 'vai ser carinhoso na tua vida, na minha não!'. Gosto muito de falar português. Mas aqui não estou a praticar. Será que consegues umas músicas angolanas e portuguesas para eu praticar?». Em cada dia de vendas Zico facturava entre 6 a 10 mil kwanzas mas nem tudo era lucro, ainda tinha de pagar ao fiscal, as 'gasosas', as despesas. As razões e os detalhes do percurso que Zico fez para ir de Kinshasa a Istambul, de avião, e da cidade turca até Chios estão, neste momento, nas mãos de quem analisa o seu processo. E o futuro, tal como para quase todos no campo, é um grande ponto de interrogação. «Todo mundo aqui fala de ir para a Alemanha. Mas a Alemanha não é o paraíso. Na

Alemanha também morrem...». Então para onde gostava ele de ir? «Será que posso ir para Portugal? Falo português. Levo vida mulata. Não escolho sítio, em qualquer sítio quero ficar, vou fazer qualquer tipo de emprego, não tem importância. O fim do mundo está próximo, o melhor é rezar muito, fazer boa coisa. Era assim que falava uma senhora angolana que fugiu da guerra em Angola para a RDC na igreja do Luvo onde eu ia».

No final da conversa peço a Zico para lhe tirar uma foto junto ao muro no porto de Chios e noto a ironia: um homem que fez da fronteira o seu ganha-pão a pousar junto de um graffiti que diz «no borders» à porta de um campo de refugiados. Reparo ainda noutra coincidência: no que toca a fronteiras, a região onde fica a cidade do Luvo é mítica e esteve em cima da mesa durante a Conferência de Berlim em 1885. Antes da conferência, a circulação de pessoas e bens de um lado para o outro era feita de forma normal, sem controlo entre os povos do Congo e de Mbanza Congo (hoje Angola) que se visitavam e falavam a mesma língua – o kikongo – casavam-se e eram livres. Com a Conferência de Berlim o continente africano foi ocupado e retalhado em pedaços de acordo com os interesses europeus e vítima de erros graves nas organizações sociais e culturais dos territórios. A economia tradicional comunitária e de subsistência foi desmantelada com o objectivo de servir apenas as metrópoles. Tribos aliadas foram separadas e tribos inimigas obrigadas ao confronto, sementes foram lançadas para o nascimento de guerras civis. Hoje em dia, a maioria da população africana continua a ter de sofrer para conseguir sobreviver. Como Zico.

Reem Síria

Reem e a amiga, Randa, aproveitam o final de tarde para uma caminhada. O vento sossegou, o frio é tolerável, as gaivotas rondam os barcos dos pescadores, há uma luz bonita. Randa empurra o carrinho onde vai o filho de ano e meio e Reem, 25 anos, está grávida de 7 meses. As duas amigas conversam durante o passeio e podiam estar nas margens do Rio Eufrates em Deir-ez-Zor, a sua terra-natal na Síria, mas este passeio acontece no porto de Chios. É um dos raros momentos de normalidade que a vida num campo de refugiados pode proporcionar e que quase ofusca a triste realidade: estas duas amigas fugiram juntas da Síria e dos ataques do Estado Islâmico.

Reem era professora de História do ensino secundário, tinha uma vida normal e feliz até que, sem querer, tornou-se ela própria personagem da História mundial, e logo de um dos capítulos mais trágicos da nossa era. Reem é uma dos cerca de 4,8 milhões de refugiados sírios e uma das vítimas da guerra da Síria. Vive há três meses e meio numa tenda partilhada com a família da amiga no campo de Souda. Ambas estão na companhia dos maridos e têm família na Áustria e Alemanha, a quem

esperam juntar-se o mais breve possível. Como professora de História na Síria, Reem tinha um manancial imenso para explorar com os alunos em Deir ez-Zor. O seu país, situado numa zona geográfica entre Europa, Ásia e África, tem - teve? - um dos patrimónios históricos mais diversos do mundo, com várias localidades reconhecidas como património da humanidade pela UNESCO. No país de Reem surgiu a agricultura, a domesticação de animais, o nascimento das cidades, o surgimento do Estado, a criação do alfabeto. São - eram? - inúmeros os museus e as ruínas arqueológicas espalhadas por todo o país. Mas agora, em paralelo com a tragédia humanitária acontece também na Síria um cenário de devastação cultural e histórica: património das cidades e sítios arqueológicos bombardeados, destruídos intencionalmente, danificados, saqueados e vendidos no mercado negro.

Com a guerra, os manuais de História que Reem utilizava na sala de aula para ensinar os seus alunos terão de ser reescritos. E a próxima vez que estiver perante uma plateia de estudantes, Reem será não apenas uma professora mas também uma testemunha activa da História do seu país. Daqui a dois meses - pergunto-me se será possível que, nessa altura, Reem ainda viva nas condições degradantes de Souda - quando a guerra na Síria assinalar os seis anos, está previsto o nascimento de Yossef, que nada ainda sabe do que a mãe passou para com ele chegar a Chios e à ilusão de um porto seguro.



~~Reem, Síria~~

vozes — M. — — Argélia —

Junto ao castelo de Chios, que durante séculos albergou sucessivamente bizantinos, genoveses, otomanos, venezianos, turcos, e depois, gregos, vivem hoje as oitocentas pessoas do campo de Souda. Numa tarde quando saía do campo uma ambulância estava estacionada entre duas fileiras de tendas. Recolhia um jovem que acabara de tentar cometer suicídio. O tronco de uma árvore que perfurou os blocos de pedra do castelo de Chios foi o lugar escolhido, um cinto preto de calças a arma utilizada. Um dos habitantes do campo apercebeu-se do que estava a acontecer, correu para a árvore, cortou o cinto e salvou-lhe a vida. Depois de uma noite no hospital, M. passou uma outra noite na esquadra onde ninguém falou com ele e foi enviado no dia seguinte novamente para o campo. M. tem 16 anos, vem da Argélia e está sozinho.

Suicídios são frequentes entre refugiados, especialmente adolescentes e jovens adultos, afectados por uma mudança de vida que sentem não ser reversível. Existem poucos dados mas estima-se que haja um risco acentuado devido à exposição ao trauma, stress, problemas de saúde mental, consumo de estupefacientes. Estão no

limbo e não conseguem lidar com sentimentos de solidão, injustiça, tristeza, falta de perspectiva, insegurança quanto ao futuro, condições de vida degradantes, medo. Dois dias depois desta tentativa em Souda, um refugiado do campo de Skaramangas, em Atenas, acabou mesmo por morrer em circunstâncias semelhantes. Os casos são abafados e as ONG no terreno comentam-nos em conversas ocasionais.

Muitas das crianças e adolescentes em perigo não recebem ajuda porque as famílias não procuram os serviços de saúde mental e, no caso de M., essa questão nem se coloca porque viaja desacompanhado. A maioria dos menores desacompanhados foram retirados deste campo por falta de condições para os proteger, e recolocados em abrigos. O caso de M. tem um tratamento diferente. As autoridades competentes recusam-se a retirá-lo do campo com a justificação de que isso «daria ideias aos outros refugiados e poderia estimular tentativas de suicídio como forma de fuga do campo». E por isso nada se faz.

M. nasceu em Batna, berço da revolução argelina contra o colonialismo francês e foi depois viver para Argel. No subúrbio de El Biar foi aprendiz de cabeleireiro e, mais tarde, já na Turquia viveu alguns meses de cortar o cabelo a refugiados. Em Souda o desespero tomou conta dele. Pergunta-me se conheço futebolistas argelinos, Slimani que jogou no Sporting, Brahimi que joga no Porto.

A. tem 16 anos. Vive numa tenda na encosta do castelo de Chios que, à beira Egeu plantado, sobrevive durante séculos a vitórias e derrotas, luzes e sombras, sucessivos impérios e seus carrascos. Assim parece continuar.



~~M., Argélia~~

— Mustafa, — Síria

As primeiras vezes que vi Mustafa estava convencida de que ele trabalhava para alguma organização internacional, via-o a fotografar bastante no campo, a fazer videos, a ser um excelente comunicador, a falar inglês fluentemente, cheguei a pensar que integrava alguma comitiva oficial da União Europeia ou do ACNUR. Foi com surpresa que percebi que era também ele um refugiado.

Mustafa é sírio, chegou a Chios no final de Março de 2016, depois do Acordo firmado entre a União Europeia e a Turquia e está, por isso, no campo de Souda há dez meses. Antes, vivia no centro de Aleppo onde tinha o que diz ser «uma super vida» com a mulher e os filhos, emprego, casa, carro, filhos a estudar. Trabalhava na indústria farmacêutica e, além do salário base acima da média, facturava bastante em comissões. «Gostava muito do meu trabalho. E quando gostamos, fazemos bem feito». Mustafa tinha o objetivo de fazer um milhão de liras por cada um dos seus quatro filhos. O sonho era que eles, se quisessem, pudessem ser os quatro médicos e trabalhassem gratuitamente sem precisarem de se preocupar com dinheiro. «Chamem-me louco mas era o meu sonho».

De um dia para o outro tudo mudou. «Chegou a dita 'revolução' enviada pela América e disseram-nos que nos iam dar liberdade. Liberdade de quem?».

Mustafa pergunta e justifica com os números oficiais: meio milhão de mortos, cinco milhões de refugiados fora do país, seis milhões deslocados internamente. «Um país destruído, que revolução é esta? Foi uma guerra suja da América. Sírios a matar sírios e depois mandam o ISIS para lutar. Assad podia ser ladrão mas na Síria tínhamos saúde e educação gratuitos. Na Europa também têm governos corruptos mas não começam guerras por isso. Eu perdi a minha família, perdi tudo». De um dia para outro chegou a casa e o pai, a mulher, os quatro filhos estavam mortos. Assim. Mustafa viu-se perante duas hipóteses: suicidar-se ou tentar um recomeço. Escolheu a segunda. «Não sou estúpido, posso refazer a minha vida na Europa». Veio. Como refugiado, há dez meses a viver no campo em Souda, Mustafa sente-se agora mercadoria, uma peça num «jogo sujo». «Na Turquia usam os refugiados para ganhar dinheiro. Erdogan diz à União Europeia: dêem-me dinheiro ou envio refugiados para a Europa. Por outro lado, a Europa dá dinheiro ao governo grego e às ONG para nos darem algumas condições mas vês como vivemos... Esse dinheiro chega aqui? Os refugiados viraram um negócio, é melhor do que o petróleo, melhor do que o gás. Mas quando dizes a verdade ganhas inimigos. No outro dia veio uma equipa da comunicação social, entrevistaram-me mas logo deram meia volta, a minha conversa não lhes interessa...». Neste momento Mustafa espera a resposta



~~Mustafa, Síria~~

ao recurso que interpôs da recusa do pedido de asilo. Ser devolvido à Turquia está fora de questão. «A Turquia não é segura para os turcos quanto mais para os sírios. Falo mal do governo turco todos os dias. Vou para lá, prendem-me e matam-me». Se o asilo não lhe for concedido Mustafa tem um plano B desesperante. «Vou vender um rim. Coloquei um post na internet e alguém da Alemanha ofereceu 5.000 euros, respondi-lhe 'deves pensar que por ser refugiado sou burro'. Sei que no mercado negro vale 20 mil euros», diz. Mustafa sabe também que há um mercado negro para sair de Chios com passaporte falso. Mas custa muito dinheiro. Cinco mil dólares para chegar a um país da Europa, nove mil para ir para o Canadá. Há uns meses decidiu usar o seu longo cabelo para ganhar dinheiro. Fez um vídeo para o YouTube a puxar um autocarro com o cabelo com o objectivo de entrar no Guinness. Também já pensou arranjar um cão como companheiro de tenda e talvez assim conseguir uma maior compaixão europeia para acelerar o seu processo. Mustafa sabe que narrativas como a sua são difíceis de ter lugar nos media ocidentais mas perante iniciativas como estas quem sabe não lhe dão uma oportunidade de entrar na Europa. Mustafa está há dez meses numa ilha grega perdida no meio do nada mas já nos topou a todos... Mustafa. O «Viking» de Souda. O homem que perdeu tudo mas que escolheu a possibilidade de um recomeço. O

homem que conduziu ele mesmo um barco entre mau tempo e ondas acima de um metro e chegou da costa da Turquia a Chios com mais 46 pessoas a bordo. O homem do leme da sua própria vida que de um dia para o outro virou um naufrago da guerra, da Europa, do mundo. O homem que, apesar de preso numa ilha, escolheu que ninguém será dono do seu pensamento ou da sua vida. O homem que entre a lucidez e a loucura vive dia após dia numa tentativa de se manter à superfície. «A Europa está a criar monstros. Estão a matar estas pessoas que vivem nos campos de refugiados. Se as crianças vão para a escola, vão ser profissionais, vão ser médicos, professores. A viver aqui aprendem apenas a beber, a mentir para sobreviver, serão criminosos. Tenho 42 anos, o meu tempo está a passar. Quando posso recomeçar a minha vida como ser humano? Quando deixarei de ser um animal na fila para ter comida, para ter roupa? Quando chegará esse dia?»

Foto de Mustafa tirada por Mahmud, sírio, 14 anos, durante o workshop de fotografia.

A CASA DA ANDRÉA

LUSOFONIA OU LUSOFONIAS

ANDRÉA ZAMORANO

*A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho matéria
E quero fratria*
LÍNGUA, CAETANO VELOSO

Começo esta crónica com narrar uma situação que me aconteceu na semana passada: Recebi um prémio. Como é natural, quando a organização me telefonou comunicando a notícia, fiquei feliz. Admito que me senti orgulhosa, com tantos nomes haviam-se lembrado justo do meu. De imediato pensei que não merecia a distinção pois não considerava que houvesse feito nada para a merecer; conquanto, tenho por princípio aceitar o que me dão de bom grado. Com tal premissa, esta aspirante a escritora que vos fala, sem falsas modéstias, concordou em receber a homenagem.

O prémio fora criado com o mais sincero intuito de reconhecer o trabalho desenvolvido por pessoas de relevo no mundo lusófono; sejam instituições, artistas de vários quadrantes, empresários ou mesmo individualidades – outra vez me senti prestigiada. O importante é valorizar e distinguir o esforço empreendido pelos agraciados pois cada qual na sua área de influência, ainda

que de forma inadvertida, colabora para a construção de um bem maior, o engrandecimento da Lusofonia (adiante explico o uso da maiúscula).

Enquanto brasileira, a palavra lusofonia nunca me constrangeu em razão do “nosso divórcio” com Portugal “ter sido amigável” – como afirma Inocência Mata – e ter acontecido faz quase duzentos anos. Da mesma maneira, também jamais me incomodou o nome da língua que falo, língua portuguesa. Contudo, não raras vezes, ouço os portugueses, infelizmente até de certa elite supostamente intelectual, se referirem à língua portuguesa falada no Brasil com uma certa amargura que denota desprezo, fazendo uso da expressão “em brasileiro”.

Podia dar-se o caso de designarem o que lá se fala como a “língua brasileira” terminando de uma vez por todas com as querelas estrambólicas que roçam o ridículo sobre a propriedade da língua. Como diz o professor Eduardo Lourenço, “uma nação não é *dona* da sua língua”. Mas ora, prescindir de língua portuguesa em favor de língua brasileira seria abdicar do seu território mitológico. Obviamente, faço uso do pronome possessivo – seu – apenas para demonstrar a pura alucinação, ou, para falar “em brasileiro”, a viagem dos portugueses no sentido da perniciosa portugalidade. Uma retórica do Estado Novo embandeirada pelo *slogan* “Portugal do Minho a Timor”, na década de 50, que contamina a Lusofonia (a tal com maiúscula).

Chegado o dia da cerimónia de entrega dos prémios da lusofonia, eu estava tranquila. Preparei inclusive um texto enaltecendo a fraternidade que inegavelmente sinto pelos falantes de língua portuguesa de outras geografias. Há, de fato, um sentimento maior que nos une. Mas aquela noite no auditório em Oeiras não se fez apenas em português, foi também em crioulo de Cabo Verde, crioulo da Guiné-Bissau e até suaíli.

Nas nossas singularidades e, por conseguinte, nas nossas diferenças, entendemo-nos não como o *mesmo mas como o outro ou os outros*. Essa percepção é natural, espontânea e identitária entre nós, é só a partir do reconhecimento de que o *outro* não é o *mesmo* que posso construir a noção de pertença à minha identidade.

A noite já ia avançada e na sucessão de discursos que se sobrepunham, apesar da diversidade que se fazia notar, reiteravam-se as maravilhas das relações afetivas, políticas, comerciais e culturais que todos ali tínhamos em virtude da história comum que nos unia, no fundo, as conquistas portuguesas. Os laureados iam reproduzindo em modo automático, não sei por opção ou se para evitar a *maka*, o discurso da língua portuguesa como um património a defender e a preservar. Exaltação quase ufanista da afirmação da presença portuguesa no mundo como um lugar de memória e convívio. Essa é a Lusofonia com L maiúsculo a que não quero pertencer.

A palavra lusofonia consegue o feito de ser em simultâneo um vocábulo extremamente económico quando se refere exclusivamente aos falantes de língua portuguesa e, ao mesmo tempo, “apagar numa só palavra as realidades sociais extremamente diferentes e *status* sociais incomparáveis”, como refere Michael Cahen. Essa ambiguidade, que noutros vocábulos seria entendida como riqueza semântica, aqui é fragilidade.

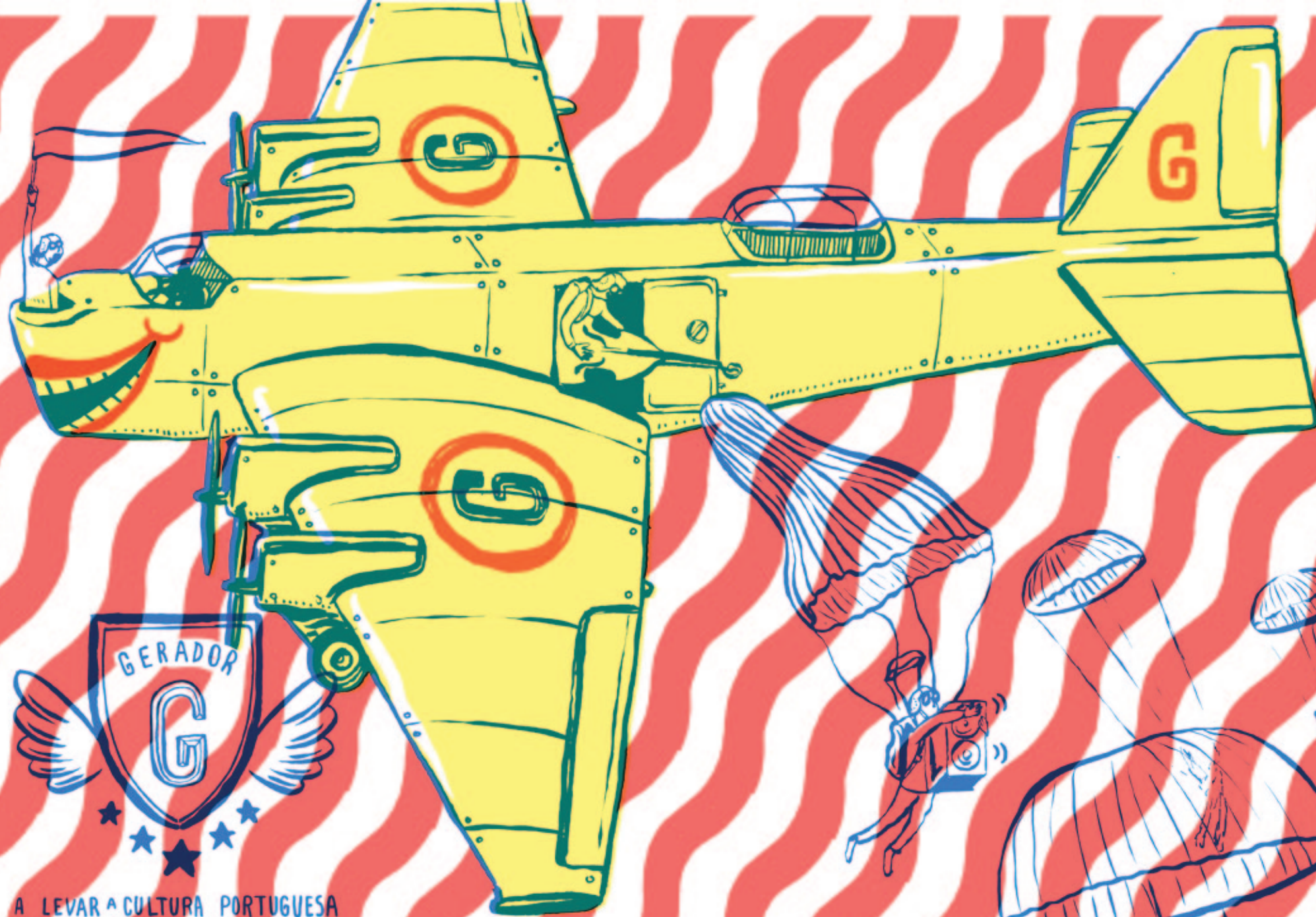
De tal forma a palavra lusofonia é contundente que a própria CPLP - a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, fundada em 1996, numa era já pós-colonial, não tem nos seus estatutos a palavra.

Minha pátria não é a língua portuguesa, tão abusado o verso de Pessoa por uma “degenerescência gordurosa do patriotismo” em suas próprias palavras. Não me reconheço nessa Lusofonia redutora. Porque para aceitar falar em lusofonia temos que falar de identidades múltiplas, não de apropriação. A língua portuguesa não é uma cola que nos gruda a todos numa unidade plena chamada lusofonia. Lusofonia não é apenas uma voz, são várias vozes, são fragmentos, todos diferentes. Para citar Eduardo Lourenço outra vez “um apelo ao esforço da lusofonia ou à lusofonia como cimento natural de comunhão entre os que falam a mesma língua é mero pleonasma”.

Daí que, quando finalmente chegou o momento de receber o meu prémio, depois de ter passado a noite ouvindo o que achava que a lusofonia não deveria ser, quando subi no palco ainda tinha dúvidas: deveria apenas receber o galardão e ir me embora ou, pelo contrário, correr o risco de me tornar uma pessoa inconveniente?

Deixem-me esclarecer, antes de mais, que aceitei com elevada consideração a atribuição da homenagem visto estar consciente de que quem organizou a iniciativa não tinha a mais remota intenção neocolonialista. Optei pela inconveniência. Um pouco atabalhoada, falei de improviso. Os discursos eurocêntricos, serôdios, impregnados de uma portugalidade nociva que reverberaram várias vezes durante aquela noite me compeliram no púlpito.

Depois de agradecer a honra, sugeri que na próxima edição do prémio procurássemos uma nova palavra que definisse melhor o sentimento que nos une, não excluindo as nossas diversidades. Sem circunscrever a lusofonia apenas ao universo da língua portuguesa. A tarefa não é fácil, verdade. Talvez começar por admitir um plural, lusofonias, seja o início de uma consciencialização para a necessidade de exprimir o que nos aglutina como *vários*. Quiçá seja pouco ainda. O fato é que o termo lusofonia não é pacífico pois quando a cerimónia terminou, fui procurada por *vários*: uns me diziam “somos todos amigos mas não podemos negar a história”; outros, me deixaram a frase “nós te compreendemos”.



A LEVAR A CULTURA PORTUGUESA

✈ A TODO O LADO ✈

O Gerador é uma plataforma de ação
e comunicação para a cultura portuguesa

DESCOBRÉ-NOS EM GERADOR.EU

maker
spaces

bióbio tecops

**Andreia
Brites**

o casamento perfeito

Não é de hoje a discussão em torno das valências das bibliotecas públicas um pouco por todo o mundo. O termo makerspaces, associado a este universo, surgiu como uma mudança de paradigma na forma como a biblioteca deve ser encarada por todos, público e equipas. Ao contrário do que tradicionalmente aconteceu durante séculos, há cada vez mais vozes, nomeadamente muitas das que integram organizações internacionais como a IFLA, a defenderem que a biblioteca deve ser pensada a partir dos seus utilizadores e para eles. Centrar a sua dinâmica apenas no acervo está ultrapassado.

Conceito e modelos

Já há uma década se ouvia falar em experiências que à época soavam futuristas em bibliotecas de países nórdicos onde os espaços se apresentavam informais e se revelavam lúdicos só pela aparência. Recantos de leitura que se assemelhavam a cabines de naves espaciais, pontos de pesquisa e recolha de documentos robotizados que comunicavam com o público, sofás cheios de curvas, paredes muito coloridas pareciam convidar quem os visitasse a entrar num país das maravilhas alternativo.

Entre excessos, fracassos e desvios, os níveis de experimentação são hoje muito mais orientados, independentemente de quão surpreendentes possam ser os resultados no terreno.

A biblioteca deve assumir-se, para muitos, como um espaço de criação, descoberta e aprendizagem. Não apenas no sentido criativo mas também como lugar vivo que responde às necessidades e desejos da sua comunidade. Ali espera-se que os utilizadores encontrem ferramentas ao mesmo tempo que se encontram uns aos outros. Criação, cooperação e inovação: é isso, em suma, o que significa makerspace.

O conceito não nasceu no pensamento sobre bibliotecas.

Enquanto espaço de criação, partilha, experimentação e cooperação, o makerspace é independente e sofreu influências dos mais diversos espaços, como os FabLabs, TechShop ou os de co-working, e pelas mais diversas entidades. O seu aparecimento nas bibliotecas data do início da década de 2000 nos Estados Unidos da América (Nova Iorque) associado ao movimento do Faça Você Mesmo (Do it yourself – DIY), tendo mais tarde sido adaptado pelos países nórdicos por razões específicas, relacionadas com a ideia de biblioteca como lugar de encontro das comunidades que não têm muitas alternativas em países onde, durante metade do ano, anoitece muito cedo e não há o que fazer no exterior. A tradição mais horizontal do ponto de vista da organização social terá ajudado a implementar o conceito que implica a partilha de conhecimento, criatividade e curiosidade por fazer e aprender.

Nos Estados Unidos, os makerspaces foram introduzidos nas bibliotecas de forma mais estereotipada, direccionados sobretudo para o desenvolvimento tecnológico: ali encontram-se salas dotadas de hardware e software diversos, impressoras 3D, scanners 3D, cortadoras laser e fresadoras, permitindo também a criação e edição de diversos conteúdos digitais de texto, vídeo, áudio ou imagem.



Basta fazer uma pesquisa rápida na internet para perceber que os makerspaces nas bibliotecas foram apropriados de formas bastante distintas em função da realidade geográfica, cultural e social dos países, regiões e comunidades onde se inserem. O contraponto às dinâmicas mais urbanas e tecnológicas da Europa central e do norte e dos Estados Unidos da América encontra-se na América do Sul, no continente africano, nomeadamente, subsariano e na Ásia. Aqui, os makerspaces não estão equipados com tecnologia de ponta e muitas vezes acontecem nas salas de leitura das próprias bibliotecas. O seu objectivo pode ser o acesso à internet e a formação básica dos seus utilizadores, como no Bangladesh, a educação não formal e a preparação para o ingresso no mercado de trabalho, como no Burkina Faso, ou a integração de comunidades deslocadas e refugiadas em resultado de conflitos armados, como acontece na Nigéria ou na Grécia. O empoderamento, como agora sói dizer-se, acontece através destes espaços cuja afluência suplanta em muito a de bibliotecas europeias e norte-americanas.

Modus operandi dos makerspaces

A propósito do tema a *Blimunda* conversou com Bruno Duarte Eiras, director de serviços de Bibliotecas na Direcção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas. Para além das funções que desempenha actualmente, o bibliotecário de formação tem longa experiência de terreno, desenvolvida ao longo de mais de uma década nas Bibliotecas Municipais de Oeiras e integra também a direcção da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas.

Questionado sobre esta mudança de paradigma, Bruno alerta: «De alguma forma os makerspaces sempre existiram nas bibliotecas. As pessoas sempre foram às bibliotecas para aprender e procurar respostas. Nas nossas bibliotecas públicas é comum os utilizadores dirigirem-se à secção das Técnicas para buscar um livro sobre manutenção automóvel, à área de Tempos Livres para procurar livros sobre Jardinagem, Decoração e Artesanato ou até verem na área da Informática o que existe sobre programação... As bibliotecas sempre foram um espaço de aprendizagem e obtenção de novos conhecimentos, a única diferença é que agora as pessoas podem experimen-



tar e criar também na biblioteca. O makerspace sempre esteve associado às bibliotecas. Quando o conceito aparece mais actualizado e com novas valências possibilitadas pelos avanços tecnológicos as bibliotecas puxam-no também para si.» E acrescenta que a principal condição para que o makerspace funcione numa biblioteca consiste no conhecimento das necessidades e interesses da sua comunidade, quem são, o que fazem, quais as faixas etárias maioritárias, quem frequenta a biblioteca e para quê e porque não a frequentam os outros. «Temos de saber de que forma se pode expressar, criar e comunicar e empoderar a comunidade.», afirma. Nesse sentido, Bruno dá exemplos. «Os ingleses têm um conceito muito engraçado semelhante a makerspace e que consiste numa espécie de oficinas de reparação (Repair Café). Como é que funciona? As pessoas encontram-se, na biblioteca, com equipamentos avariados e há sempre alguém que sabe arranjar a torradeira, outro pode ajudar com o telemóvel, outro sabe configurar o computador. Encontram-se para quê? Para trocar conhecimento: criar, inovar, cooperar pondo as pessoas em contacto. Em caso de dúvidas... a coleção da biblioteca e os bibliotecários estão lá para ajudar a encontrar as respostas!» As

pessoas sabem que ali trocarão conhecimentos práticos sobre o arranjo destas peças, e procuram o espaço autonomamente, no seu horário de funcionamento, criando inclusive dois sistemas que se contaminam: o da troca e o da aprendizagem. Bruno reforça a ideia de que um makerspace não tem de ser digital: «existem makerspaces para trabalhar questões relacionadas com reciclagem, jardinagem, culinária, costura, onde se fazem brinquedos caseiros, por exemplo. Outro caso, de intervenção social, passa-se na Biblioteca Pública de Botkyrka, nos arredores de Estocolmo, na Suécia, onde a biblioteca local utiliza uma estratégia de makerspace como metodologia de integração de uma população maioritariamente feminina e imigrante de países africanos e do médio oriente. «A solução encontrada foi um atelier de costura onde cada uma partilha as suas técnicas: umas produzem os seus próprios tecidos no tear, a outras a biblioteca fornece os tecidos e elas mostram as suas técnicas de corte ou de ponto. Ali elas criam, inovam e cooperam, aprendendo a língua, por vezes criam pequenos negócios e também se apercebem do espaço, socializando.» Os três princípios que orientam este conceito de espaço pró-activo para uso da comunidade não se aplicam apenas ao



público. Se assim fosse, o papel das bibliotecas ficaria diminuído na sua relação com a comunidade. Um dos princípios do movimento maker consiste em não fazer tudo sozinho. As bibliotecas devem, para além de identificar as necessidades das pessoas que compõem o tecido social daquela geografia, procurar parceiros para desenvolver o makerspace. Os parceiros podem financiar a aquisição de equipamento, podem oferecer formação aos técnicos da biblioteca para dominar as ferramentas do espaço e ainda podem disponibilizar-se a ajudar e orientar o público no horário de utilização do makerspace. «O melhor makerspace que conheço é o da Biblioteca Pública de Colónia e ali não se faz nada sozinho. A biblioteca que possui orçamento para investir nos equipamentos, preferencialmente naqueles que não sejam facilmente acessíveis à maior parte do público, procura parceiros externos para garantir que tudo funciona. Quem é que vem cá dar formação aos bibliotecários? Quem é que vem cá dar aulas aos utilizadores? Empresas, parceiros e os próprios utilizadores. A biblioteca investe muito pouco nesta área!»

O projecto pioneiro de Ílhavo

Em Portugal há actividades que estão próximas do conceito dos makerspaces, onde se realizam momentos de partilha e acção. Mas nenhuma tem ainda um espaço nem uma dinâmica de trabalho cooperativo por parte da comunidade.

Percorrendo os programas de actividades das Bibliotecas Públicas e das Escolares, verifica-se que em alguns casos há projectos próximos do conceito de makerspaces mas que ainda não o cumprem na totalidade. Oficinas, workshops, encontros já se dedicam a práticas diversas, da culinária à nutrição, do yoga à programação. Contudo falta a autonomia para que se ultrapasse o registo formal e seja a própria comunidade a encontrar-se ali e criar, partilhar e cooperar.

O cenário está prestes a mudar na Biblioteca Municipal de Ílhavo. Com inauguração prevista para o dia 17 de Novembro, Dia Mundial da Criatividade, Inês Vila vai abrir à comunidade o espaço Makerspace BMI – Juntos fazemos! Tudo começou com a sua participação no programa INELI Iberoamérica (International Network of Emerging Library Innovators) que visava, depois de vários momentos de formação no



espaço iberoamericano (em Madrid e na Colômbia) a apresentação final de um projecto e respectiva implementação na biblioteca. «Para além disso, a descoberta de espaços makers, em bibliotecas que fui visitando fora de Portugal, levou-me a ler mais sobre este tema e a descobrir as potencialidades do mesmo. Por outro lado, a utilização do espaço da Biblioteca Municipal de Ílhavo pelas famílias, com crianças e jovens, nos ateliês criativos que precedem a hora do conto, aos sábados, ou mesmo nas férias letivas, permitiu-me concluir que a biblioteca podia oferecer um pouco mais aos nossos utilizadores, levando-os à experimentação e criação dos seus próprios “trabalhos”.»

Por isso lançou mãos à obra e desde há um ano que desenvolve o makerspace. Para isso foi necessário responder a várias perguntas. Onde, na biblioteca, podemos reservar um espaço próprio para o makerspace? A que público se destinará? O que terá para oferecer e potenciar? Que parceiros poderão integrar o projecto?

Aberto às novas tecnologias

A todas a bibliotecária conseguiu dar resposta. Está neste momento a adaptar uma sala que não estava aberta ao público. Não é muito grande, mas por enquanto será suficiente para instalar equipamentos e utilizadores. «Num Município como o de Ílhavo, onde existem já implementadas várias empresas vocacionadas para as novas tecnologias, onde está instalado um Parque de Ciência e Inovação, considereei que era uma prioridade para a Biblioteca Municipal, face a estas potencialidades, contribuir para o desenvolvimento das competências dos seus utilizadores, dando-lhes mais e novas ferramentas que lhes permitam uma melhor integração na comunidade onde vivem. Este projeto foi pensado e estará disponível para todos os utilizadores da BMI. O espaço funcionará em regime de livre acesso, no entanto, a formação e as atividades (workshops) serão direcionadas para: jovens adultos (entre os 16 e os 20 anos de idade), adultos, desempregados, famílias com filhos em idade escolar e professores e educadores. O nosso objetivo é disponibilizar um espaço vocacionado para a criatividade, a experimentação, mas também, para a inclusão

social, uma vez que seguirá a filosofia do movimento Maker: “a biblioteca é transformada num espaço onde se trabalha junto a outros, onde se experimenta, joga e aprende, a biblioteca transforma-se em espaço de aprendizagem e de relação com a comunidade. Este espaço passa a ser visto como gerador de conhecimento que a biblioteca pode depois difundir”.» O makerspace será sobretudo tecnológico, disponibilizando «valências diferenciadas que permitam ao utilizador fazer, criar, mudar — impressão 3D, vídeo lab, recicláveis (papeis e plásticos), pequena robótica, fotografia artesanal...» e para isso Inês Vila conta com a parceria da Fábrica da Ciência Viva da Universidade de Aveiro e da BeeveryCreative, uma empresa de impressoras 3D sediada na região e que, para além dos diversos produtos que vende, também aposta na educação e formação. Por isso, a bibliotecária contará com estes parceiros em workshops e ateliers que virá a desenvolver com o público, como forma de divulgação e disseminação do projecto, bem como em formações prévias que serão ministradas à equipa da biblioteca para melhor poder motivar-se e envolver-se neste novo desafio. Apesar das dificuldades técnicas e financeiras inerentes, Inês Vila vê o potencial de ter na sua biblioteca um

espaço que a moderniza e atrai potencialmente novos utilizadores, ao mesmo tempo que oferece um serviço totalmente inovador ao seu público de sempre.

«Fico feliz por ser a Biblioteca Municipal de Ílhavo a dar esse passo em Portugal. Acredito que é mais uma oportunidade para as Bibliotecas Públicas, ou mesmo as Escolares, de servir as comunidades onde se inserem e de irem ao encontro das suas novas necessidades. Desejo que o exemplo da Biblioteca Municipal de Ílhavo possa ser seguido por outras... mas acima de tudo, que seja um estímulo, pela diferença do que fez junto da comunidade de Ílhavo. Isso será um sinal de que o «Makerspace BMI – Juntos Fazemos!» é um caso de sucesso e não mais um espaço inaugurado e que ficou parado no tempo.»

ILUSTRAÇÕES: ISTOCKPHOTO

and the winner is...

Marina Colasanti



Prémio Iberoamericano SM de Literatura Infantil y Juvenil

Marina Colasanti é a vencedora da XIII edição do Prémio. Depois de Bartolomeu Campos de Queirós e de Ana Maria Machado, o júri volta a atribuir a distinção a uma autora brasileira. A sua voz poética e inconfundível, a criação de contos de fadas, a profundidade das suas personagens são algumas das características da vasta obra de Marina Colasanti que o júri destacou, justificando assim este reconhecimento.

O primeiro álbum de Ivone Gonçalves é algo totalmente novo na edição de *picture books* de autores nacionais. Dizer que revela a identidade portuguesa será redutor. Não por se afastar de uma realidade e de uma história que patenteia um modo de viver em Portugal, mas porque o álbum que lemos ultrapassa, em qualidade, a questão temática por si só.

Maria Trigueira é o nome da protagonista, e do trigo vem o seu apelido. Vendedora de pão de trigo, morena? Esta menina, talvez moça, cujos retratos preenchidos a preto não deixam antever a precisão da idade, vive no campo, num tempo outro, talvez presente, mais provavelmente passado, e tem um desejo. Do desejo pouco se sabe antes de ser concretizado. Acompanhamos a protagonista nas suas deambulações entre sobreiros e campos de trigo, entre ceifeiras, animais, homens a varejar alfarrobeiras e o transporte de cântaros de água.

A poética do texto, muitas vezes rimado é sempre alimentada por uma cadência compassada e lenta, na sua estrutura concisa, de imagens sensoriais. O traço grosso da pintura, as formas dos obje-



tos e o enquadramento da personagem em espaços cujos padrões remetem para o infinito - como acontece com o céu estrelado ou os montes e vales a perder de vista - são reforçados pela monocromia do preto, recusando ao leitor quadros realistas ou descritivos de uma paisagem facilmente reconhecível.

A sugestão será um dos principais recursos que ampliam a poesia do discurso textual e visual em harmonia, afastando a narrativa de um paradigma da vida rural. O que há de identitário no álbum é precisamente a possibilidade que dá a cada leitor de se rever em função da sua própria experiência e memória emocional.

O desfecho consegue, do mesmo modo, prolongar a sensação de tempo longo e de total empatia com o espaço infinito. O sonho não é sofrido e o percurso vale por si só. Maria Trigueira é um álbum nascido de uma identidade portuguesa, mas recorda a qualquer leitor quão essencial é sentir tudo o que nos constrói, sem nos deixarmos agrihoar. Tempo e liberdade não têm necessariamente de se manifestar em luta e podem alimentar olhares, crescimento, surpresa e descoberta. Bastando olhar e sentir.

Embarcou no saveiro com um noviço a manobrar.



Este é mais um volume da coleção Percursos da Literatura Infantojuvenil dedicada ao estudo desta área literária por um conjunto de académicos que deixa assim reflexões importantes do ponto de vista histórico, comparativo e analítico.

Ana Margarida Ramos e Diana Navas traçam com este estudo muito mais do que uma leitura comparativa de características temáticas, estruturais ou retóricas de obras literárias juvenis contemporâneas nos dois países.

Ao longo dos sete capítulos que constituem este diálogo organizam-se argumentos, exemplos e referências que contribuem decisivamente para a identidade deste subgénero, tradicionalmente híbrido e subvalorizado. É sempre com base nestes pressupostos que se avança para a apresentação de obras e autores canónicos e outros que agora começam a sua produção de qualidade.

Aquilo que comumente se aceita como uma marca comum da literatura juvenil tem em parte contribuído para uma avaliação redutora das obras e para a sua guetificação. O que as autoras propõem, ao escarpelizar um *corpus* alargado, é que se ultrapasse a ideia de que a literatura juvenil se define por narrativas que acompanham os problemas dos adolescentes sob o seu ponto de vista e a sua experiência. Assim, e apenas centrando a análise em obras de pendor realista, Ana Margarida Ramos e Diana Navas dissertam sobre a estrutura narrativa relativamente à focalização, ao tempo,



ao suporte tipológico e sobre a relação entre a diegese e o seu próprio processo de construção, bem como as referências que se cruzam consigo.

Não é à toa que as primeiras autoras a serem recordadas são Alice Vieira e Lygia Bojunga. Ambas representam uma mudança de paradigma na literatura juvenil de Portugal e Brasil, ambas trazem as ditas vozes juvenis para o palco das angústias familiares, dos conflitos sociais e para o questionamento do mundo numa escrita inaugural que faria história e muitos descendentes. As autoras do ensaio

ressalvam ainda as particularidades temáticas de cada uma, como o universo feminino em Alice Vieira ou a mescla entre fantasia e realidade. A uni-las, os temas fraturantes, como a morte infantil, no caso de Alice Vieira e a violação, no caso de Bojunga.

Daqui em diante, o livro segue debruçando-se sobre o significado de escolhas de disposição e composição dos textos. A focalização interna e o narrador protagonista, que se afiguram à primeira vista como recursos gastos, servem narrativas encaixadas, analepses, polifonia. A metaficção e a intertextualidade desconstroem a diegese linear e implicam a participação do leitor. É literatura pura.

Neste volume a literatura juvenil ganha um lugar no cânone dos estudos literários e, mais ainda, revela-se progressivamente experimental e desconstruída. O *crossover* poderá, quem sabe, vir a representar mais um percurso dos adultos em direção à literatura juvenil do que o inverso. E isso não é necessariamente mau.

Todos os
saramaguiana
escritores
são auto-
didactas

Uma entrevista
de
José Saramago
ao
Eleftherotypia

Em novembro de 1998, poucas semanas depois de a Academia Sueca lhe conceder o Prémio Nobel, José Saramago deu uma entrevista ao jornal grego *Eleftherotypia*. Fê-lo por escrito e enviou por fax as suas respostas. O jornal, vítima da crise financeira, foi fechado em 2011. As perguntas feitas pela jornalista perderam-se – provavelmente o tempo tratou de apagar o fax que as continha. Restam, por sorte, as três folhas escritas por José Saramago. A *Blimunda* recupera neste número essa entrevista, inédita em português, cuja perguntas não se lêem mas se intuem.

R:

Estive uma só vez na Grécia. Além da inevitável visita a Atenas, conheci alguns dos lugares mais importantes, tanto do ponto de vista cultural como histórico. Foi o caso, por exemplo, de Delfos, Coríntio, Epidauro, Micenas e Delos. Estive também em Míkonos. Guardo dessa viagem as melhores recordações e gostaria de poder voltar algum dia.

R:

De grego, nem uma palavra...

R:

Li, com imenso prazer, o Kazantzaki e o Cavafis. E também o Vasilis Vasilikos.

R:

Não se trata de interessar muito ou pouco receber o Prémio Nobel. Quando um escritor se torna geralmente conhecido, começa-se a falar dele como de uma possibilidade. A partir daí é natural que o próprio escritor se veja como tal, mas isso não significa, no meu caso, que o prémio me interessasse mais do que a qualquer outro escritor que estivesse na mesma situação. Quanto aos motivos por que o prémio me foi atribuído, não me compete sobrepor-me aos da própria Academia, e esses são públicos.

R:

Não sei se existe a sorte, mas muitas vezes as coisas passam-se como se ela existisse. Neste sentido, pode-se dizer que Nikos Kazantzaki não a teve. Foi um dos muitos grandes escritores a quem, por inexplicáveis razões, o Nobel foi negado.

R:

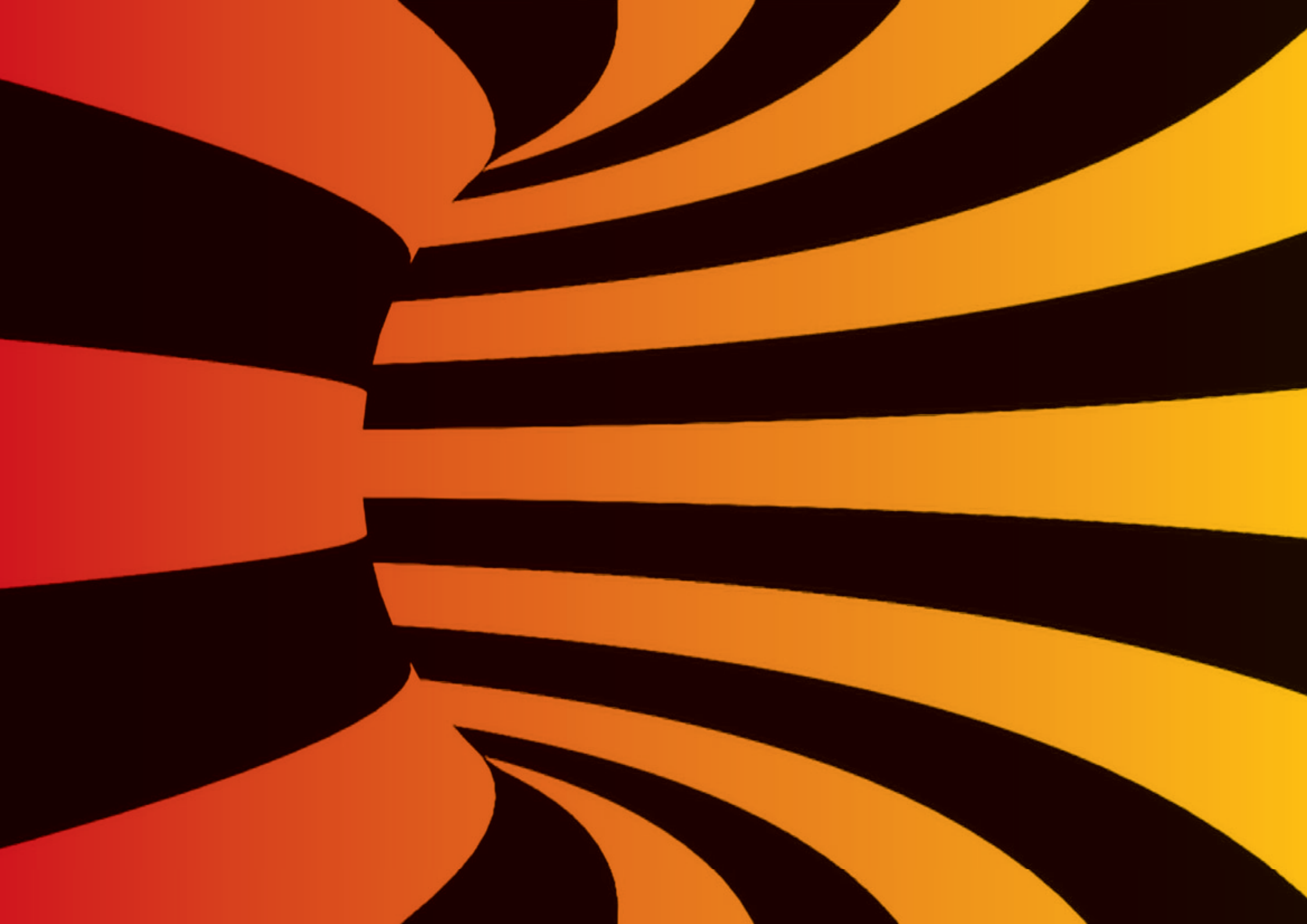
Penso que todos os escritores, enquanto tal, são autodidactas... As universidades formam médicos, engenheiros, economistas ou advogados, mas não há nenhuma que forme escritores. A capacidade, o talento e o trabalho são os únicos factores determinantes.

R:

Não há que prestar demasiada atenção ao que se diz em ocasiões como estas. Todos querem dar uma definição o mais exacta possível do autor premiado. Provavelmente todas estão certas, provavelmente nenhuma é mais certa que as outras. O que devemos ter sempre presente é que o Prémio Nobel não torna importante uma obra que o não fosse antes.

R:

Por outras palavras, tenho dito que é preciso voltar à filosofia. Mas isso não quer dizer que a literatura devesse subordinar-se à filosofia. Cada uma tem o seu lugar próprio, embora me pareça evidente que deveriam alimentar-se uma da outra...



R:

Nunca pensei em termos de realidade ilusória. Ilusão e realidade são termos antagónicos. O que, sim, me interessa, é perceber o que há de fugidio e de instável na realidade, o modo como ela se vai transformando, o modo como a nossa consciência vai aprendendo e integrando essas transformações.

R:

Como é natural, a publicação dos *Cadernos de Lanzarote* aproximou-me mais dos leitores, mas essa aproximação já era um facto antes, através das muitas cartas que recebia e continuo a receber. Ganhei fama de alguém que responde sempre a quem lhe escreve, mas nos últimos tempos tinha começado a tornar-se-me muito difícil manter uma pontualidade aceitável. A partir de agora, creio que será impossível...

R:

Sim, em geral as pessoas vivem uma vida aborrecida. Mas o maior problema, quando se quer falar, é encontrar quem nos queira ouvir...

R:

Os meus romances têm todos os diálogos necessários, nem um a mais, nem um a menos. Estão integrados na narrativa, por isso não saltam à vista. Quantos aos meus personagens, são todos pessoas comuns, pela razão simples de que são as que melhor conheço. Por princípio, só falo do que sei ou do que julgo saber.

R:

É verdade que a ironia é inseparável do meu modo de ver a realidade, mas eu próprio nunca sou irónico na minha relação com os outros. O comportamento irónico, quando dirigido a outra pessoa, é uma agressão. E eu, que sou agressivo, por exemplo, na relação com o poder, qualquer que ele seja, não o sou no plano das relações pessoais.

R:

Sou céptico quanto às vantagens da União Europeia para os povos. Mas penso, sobretudo, que Portugal e Espanha deveriam interessar-se mais pelo que se passa no outro lado do Atlântico, na Iberoamérica, e também em África. Por razões históricas e culturais.

R:

Quando digo que as diferenças de estilo são meramente estéticas, refiro-me em particular as diversas expressões políticas do mundo capitalista: ao capital é relativamente indiferente que o poder político esteja ocupado por liberais, conservadores, democratas cristãos ou social-democratas... Com mínimas diferenças, todos estão obrigados a fazer a mesma política económica e social.

R:

Ensaio sobre a Cegueira é um romance sobre o comportamento humano quando ele deixa de reger-se pelo respeito da razão e da vida. Trata-se de um livro que pretende mostrar, de forma alegórica, como funcionam as sociedades humanas actualmente, isto é, segundo uma lógica de poder que elimina ou despreza praticamente os valores que tínhamos herdado do iluminismo.



R:

É verdade que deixei de escrever poesia, mas ela está presente nos meus romances, talvez com mais força que nos poemas que escrevi antes.

R:

O que quero dizer é que a harmonia é mais importante do que a felicidade. A felicidade é geralmente egoísta, a harmonia expande-se na relação com o mundo. Pessoalmente, sou uma pessoa feliz, mas prezo muito o facto de me sentir em harmonia com o mundo. Lembro, em todo o caso, que, na relação com o mundo, a harmonia não tem de significar sempre aceitação. Pode haver luta, contradição e vontade de mudança. Aí é que me coloco.

R:

Não sei porque existimos nem para que existimos. Creio que, no fundo da sua consciência, ninguém o sabe.

R:

Dou-lhe a minha definição. «Deus é o silêncio do universo e o homem o grito que dá sentido a esse silêncio». É tudo quanto tenho para dizer sobre o assunto. A não ser, pela milésima vez, que não creio na existência de um deus.

R:

A que disse antes: harmonia.

R:

Há crimes que não deveriam prescrever nunca. Pertencem a essa categoria os crimes de Pinochet. Portanto parece-me, não só legítimo, mas também justo, que Espanha reclame o castigo do máximo responsável pela tragédia que aconteceu no Chile.



SOMOS BIBLIOTECAS PÚBLICAS. MUNICIPAIS. DE TODOS.

CAMPANHA DE PROMOÇÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

www.somosbibliotecas.pt



facebook.com/somosbibliotecas



twitter.com/somosbiblio



associação portuguesa de
bibliotecários, arquivistas e documentalistas



Casa Fernando Pessoa



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos

**Bilhetes de € 1,00 na segunda Casa de Autor,
mediante apresentação do bilhete de entrada
na primeira Casa visitada.
(Desconto com validade de 10 dias)**

Entrance tickets of € 1.00 in the second Author House,
on presentation of the entrance ticket of the first home visited.
(Discount is valid for 10 days)

Entradas a € 1,00 en la segunda Casa de Autor,
en la presentación del billete de entrada en la primera casa visitada.
(El descuento es válido por 10 días)



Casa Fernando Pessoa
Rua Coelho da Rocha, 16
Campo de Ourique
1250-088 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 213 913 270
casafernandopessoa.pt



Fundação José Saramago
Casa dos Bicos
Rua dos Bacalhoiros, 10
1100-135 Lisboa
Tel. (Phone) - + 351 218 802 040
josesaramago.org

Que boas estrelas estarão cobrindo os céus de Lanzarote?

A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.

Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.

Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm. Last entrance at 13.30 pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands – www.acasajosesaramago.com



Diane Airbus. ***En el Principio*** **Até 9 out**

Exposição retrospectiva do trabalho de Diane Airbus, uma das mais importantes fotógrafas do século XX. Buenos Aires, Museo de Arte Latinoamericano.



setembro

A Vertigem dos Animais Antes do Abate **Até 28 out**

Nova peça dos Artistas Unidos, a partir de texto do dramaturgo grego Dimítris Dimitriádis, com encenação de Jorge Silva Melo. Lisboa, Teatro da Politécnica.



Alén dos Xéneros **Até 12 nov**

Exposição coletiva, reunindo trabalhos de artistas de diferentes gerações, que propõe uma reflexão sobre o conceito de género, o feminismo e as categorizações sociais e políticas em torno da sexualidade. Santiago de Compostela, Auditorio de Galiza.



Panorama da Arte Brasileira **Até 17 dez**

35ª edição da exposição bienal que percorre o acervo do MAM e apresenta novas aquisições, abrindo espaço aos curadores para experimentarem outras abordagens expositivas. São Paulo, Museu de Arte Moderna.



Andy Warhol. ***L'art mecànic*** **Até 31 dez**

Exposição retrospectiva do trabalho de Andy Warhol, cruzando as obras mais icónicas do artista com a sua produção menos reconhecida pelo público. Barcelona, Caixa Fórum.



Os Deuses Debruçam-se do Parapeito da Escada **Até 10 fev**

Peças habitualmente guardadas nas reservas da Casa Fernando Pessoa mostram-se agora ao público, cruzando trabalhos assinados por Pessoa bem como obras de Júlio Pomar, Ana Hatherly, Jorge Martins e outros. Lisboa, Casa Fernando Pessoa.



Festival Silêncio **28 set a 1 out**

Nova edição do festival transdisciplinar que tem a palavra e as suas múltiplas potencialidades no centro da programação, este ano com a obra de Maria Gabriela Llansol em destaque. Lisboa, vários locais.



setembro

História do Cerco de Lisboa **29 set a 4 out**

A Companhia de Teatro de Braga leva à cena uma adaptação do romance de José Saramago, com encenação de Ignacio Garcia. Braga, Teatro Circo.



4 Mãos **30 set**

Um concerto para piano e caneta, juntando Filipe Raposo e António Jorge Gonçalves num espetáculo onde a música e a ilustração dialogam ao vivo. Viseu, Teatro Viriato.



Magnum: Hojas de Contacto **5 out a 5 jan**

Mais de 65 fotografos da Agência Magnum mostram imagens devidamente contextualizadas pelas provas de contacto onde ficaram registadas, permitindo uma outra leitura do seu trabalho. Madrid, Fundación Canal.



Admiras-te que, um dia, quando a Terra estiver esgotada de tudo, quando do solo já não sair mais que ossos e pedras, restos de gerações e civilizações, os outros, os futuros, deixem o cadáver inútil deste planeta para procurar novos lares no infinito? Eu admito isto como possível e só lamento não participar desse final de ato senão com uma costela esburgada, cravada no chão ao lado duma pedra no Parreiral!

José Saramago, *Terra do Pecado*